

**Caderno de Resumos**  
2017

# 7<sup>a</sup> JORNADA DISCENTE

POSJOR | UFSC



**Reitor**

Luiz Carlos Cancellier de Olivo

**Pró-Reitor de Pós-Graduação**

Sérgio Fernando Torres de Freitas

**Diretor do CCE**

Arnoldo Debatin Neto

**Chefe do Depto. Jornalismo**

Maria José Baldessar

**Coordenadora do POSJOR**

Raquel Ritter Longhi

**Subcoordenadora do POSJOR**

Valci Zuculoto

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR)

Campus Universitário, Trindade

88040-980 - Florianópolis/SC

(48) 3721.6610 - [www.posjor.ufsc.br](http://www.posjor.ufsc.br)

**Caderno de Resumos**

2017

# 7<sup>ª</sup> JORNADA DISCENTE

POSJOR | UFSC

**ISSN 2526-1231**

## **Comissão Organizadora**

### **Coordenação**

Raquel Ritter Longhi, Valci Zuculoto, Ediane Teles de Mattos

### **Comissão de Programação**

Gessica Valentini, Rafael Winch, Janara Nicoletti, Jessica Gustafson Costa, Nayane Cristina Rodrigues de Brito, Luciana Paula Bonetti Silva, Magali Moser, Cândida de Oliveira, Patrícia Lima

### **Comissão do Caderno de Resumos**

Luiza Mylena Costa Silva, Thalita Raphaela Neves de Oliveira, Sílvia Dalla Costa, Luis Gustavo Varela, Ingrid Pereira De Assis, Juliana Cristina Gobbi Betti

### **Comissão de Identidade Visual**

Ana Marta Moreira Flores, Paula Passos

### **Comissão de Certificados**

Ediane Teles de Mattos, Claudia Silveyra D'Ávila, Beatriz Clasen

### **Comissão de Apoio Logístico**

Francielli Cristina Campiolo, Ricardo José Torres, Liziane Nathália Vicenzi, Guilherme Gonçalves Longo, William Boessio, Janaíne Kronbauer dos Santos, Anderson Dias Silveira, Diana de Azeredo, Luciana Wasum Carvalho, Mariane Pires Ventura, Thiago Pedro Malkowski, Marcionize Bavaresco, Silvio da Costa Pereira

### **Comissão de Divulgação**

Juliana Gobbi Betti, Juliana de Amorim Rosas, Rafael Luiz Juncks, Rafaela Menin, Beatriz Clasen

### **Fotógrafos da Jornada**

Thiago Pedro Malkowski, Rafael Luiz Juncks, Marcelo Franceschi

### **Projeto gráfico e diagramação**

Frederico S. M. de Carvalho

# 7ª JORNADA DISCENTE

POSJOR | UFSC

## PROGRAMAÇÃO

7 e 8 de DEZEMBRO de 2017

### 07/12 • QUINTA-FEIRA

14H • AUDITÓRIO HENRIQUE FONTES

Abertura da Jornada Discente

Palestra: **O Jornalismo como cenário - entre o campo acadêmico e o mundo do trabalho**

Profª. Drª. Zélia Leal Adghirni (UnB)

15H30 - 16H30 • SAGUÃO DO BLOCO B • CCE

Lançamento de livro e coffee break

**O Jornalista, do mito ao mercado** (Ed. Insular), de Zélia Leal Adghirni

16H30 - 18H • AUDITÓRIO HENRIQUE FONTES

Mesa 1 • **Questões epistemológicas no jornalismo**

Mediação: Profª. Drª. Gislene Silva (POSJOR/UFSC)

**Amanda Souza de Miranda** • Alteridade e tradução cultural como demarcações de um saber híbrido no jornalismo especializado em saúde

**Pollyana Dourado dos Santos** • O pensamento jornalístico a partir do pós-estruturalismo

**Jessica Gustafson Costa** • Jornalismo Feminista – o impacto das problematizações de gênero na prática jornalística

**Luis Alberto Fernández Silva** • Mulheres em *Mujeres*: tem como fugir da heteronormatividade? Os paradoxos do discurso sobre as mulheres na revista cubana *Mujeres*

18H15 - 19H45 • AUDITÓRIO HENRIQUE FONTES

Mesa 2 • **Narrativas jornalísticas e literatura**

Mediação: Profª. Drª. Daisy Vogel (POSJOR/UFSC)

**Cândida de Oliveira** • Jornalismo biográfico e a reconfiguração de memórias da ditadura militar no Brasil: tensões e interseções teórico-conceituais

**Claudia Silveyra D'Ávila** • A prosa jornalística-literária de Siegfried Kracauer à luz da crônica brasileira

**Francieli Cristina Campiolo** • O real e o fictício: as estratégias textuais de Eduardo Galeano em sua coluna na revista brasileira *Atenção!*

**Daniela Caniçali** • Os animais no jornalismo: análise de reportagens contemporâneas

20H - 21H30 • AUDITÓRIO HENRIQUE FONTES

Mesa 3 • **Identidades e esporte no jornalismo**

Mediação: Prof. Dr. Mauro César Silveira (POSJOR/UFSC)

**Matheus Simões Mello** • Complexidades identitárias em Santa Catarina: análise da narrativa de times catarinenses na mídia esportiva impressa local e nacional

**Thalita Raphaela Neves de Oliveira** • Jornalismo esportivo e a cobertura da dupla GreNal: o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter

**Ediane Teles de Mattos** • A trajetória profissional das mulheres no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina

**Juliana Gobbi Betti** • O jornalismo feminino no rádio brasileiro

### 08/12 • SEXTA-FEIRA

08H30 - 10H15 • AUDITÓRIO HENRIQUE FONTES

Mesa 4 • **Ensino e métodos de pesquisa**

Mediação: Profª. Drª. Daiane Bertasso Ribeiro (POSJOR/UFSC)

**Edwin dos Santos Carvalho** • Experiências da África lusófona no ensino de Jornalismo

**Luiza Mylena Costa Silva** • O ensino de jornalismo científico na UFSC: por uma formação crítica

**Thiago Pedro Malkowski** • Inovação e as mutações do telejornalismo: o desafio para o ensino

**Lívia de Souza Vieira** • Etnografia como metodologia para os estudos de Newsmaking

10H30 - 12H15 • AUDITÓRIO HENRIQUE FONTES

Mesa 5 • **Relações de poder e espaço público**

Mediação: Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli (POSJOR/UFSC)

**Miriam Santini de Abreu** • Potencialidades e limites do jornalismo contra-hegemônico na cobertura do cotidiano no espaço urbano

**Luis Gustavo Varela** • Estratégias da assessoria da Samarco na construção do discurso do Jornal Nacional sobre o desastre no rio Doce

# 7ª JORNADA DISCENTE

POSJOR | UFSC

## PROGRAMAÇÃO

7 e 8 de DEZEMBRO de 2017

08/12 • SEXTA-FEIRA

### Mesa 5 • **Relações de poder e espaço público** (continuação)

**Luciana Paula Bonetti Silva** • A Voz do Brasil entre o jornalismo público e a comunicação institucional

**Maurício de Lima Oliveira** • Oliveira Lima e o jornalismo como moeda de troca no pós-República  
**Janara Nicoletti** • Profissionais do jornalismo: apontamentos sobre o mercado de trabalho formal no Brasil

14H – 16H • AUDITÓRIO HENRIQUE FONTES

### Mesa 6 • **Transformações em práticas e produtos jornalísticos**

Mediação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Melina De La Barrera Ayres

**Caetano Machado** • Análise das sentenças judiciais referentes a matérias jornalísticas em Santa Catarina entre 2009 e 2017

**Karina Woehl de Farias** • Adaptações na programação radiojornalística brasileira e a migração do AM para o FM

**Ingrid Pereira de Assis\*** • Notícias autodestrutivas: a produção de conteúdo jornalístico na pós-modernidade

**Luciana Carvalho** • Entre o prosumer e o gatekeeper: modelos de apropriação na produção da notícia no telejornalismo

**Siliana Dalla Costa** • Critérios de noticiabilidade para uso de conteúdos produzidos por agências noticiosas

**Kéreyl Winkes\*** • Algoritmos e a influência na circulação de informações jornalísticas

14H – 16H • SALA DRUMMOND

### Mesa 7 • **Cidadania no Jornalismo**

Mediação: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim (POSJOR/UFSC)

**Criselli Maria Montipó** • As noções de cidadania entre jornalistas brasileiros

**Anderson Dias Silveira** • As disposições de classe social nas notícias e nos comentários dos homicídios publicados pelo Diário Catarinense no Facebook

**Géssica Gabrieli Valentini** • Novas tecnologias, velhos pensamentos: o jornalismo que desumaniza

**Marli Paulina Vitali** • O consumo da informação jornalística por jovens de comunidades periféricas

**Paula Weyh dos Passos** • O jornalismo online a serviço da cidadania no Complexo do Alemão: uma análise do portal Voz das Comunidades  
**Marcelo De Franceschi dos Santos** • A humanização do fotojornalismo do coletivo fotográfico SP invisível

16H30 – 18H15 • AUDITÓRIO HENRIQUE FONTES

### Mesa 8 • **Inovação no Jornalismo**

Mediação: Prof. Dr. Antônio Brasil (POSJOR/UFSC)

**William Robson Cordeiro\*** • Hiperinfografia: um novo estágio para a visualização sintética no jornalismo

**Silvio da Costa Pereira** • Jornalismo Imagético: produção do fotojornalismo na transição do impresso para a web

**Marcelo Barcelos** • Jornalismo das Coisas (JoT) como novo gênero jornalístico: tecnologias, dispositivos e linguagem da internet das coisas no contexto da cidade digital

**Ana Marta M. Flores\*** • Jornalismo de Inovação: os Estudos de Tendência como ferramenta

**Ricardo José Torres** • Jornalismo vigilante sob vigilância: dilemas e questões que permeiam ações jornalísticas em um contexto de intrusão comunicacional massiva

18H30 – 20H • AUDITÓRIO HENRIQUE FONTES

### Mesa de encerramento • **10 anos de pesquisa no POSJOR: teorias e metodologias**

Mediação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Longhi

Prof. Dr. Eduardo Meditsch, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Melina De La Barrera Ayres e M<sup>ª</sup>. Juliana Gobbi (POSJOR/UFSC)  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gislene Silva (POSJOR/UFSC)

20H • ENCERRAMENTO DO EVENTO



# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>10</b>
Inventividade e dedicação para enfrentar a crise.....	11
<b>QUESTÕES, EPISTEMOLÓGICAS NO JORNALISMO</b>	<b>12</b>
Alteridade e tradução cultural como demarcações de um saber híbrido no jornalismo especializado em saúde .....	13
O pensamento jornalístico a partir do pós-estruturalismo .....	15
Jornalismo feminista – o impacto das problematizações de gênero na prática jornalística.....	17
Mulheres em Mujeres: a construção discursiva das mulheres na revista cubana Mujeres.....	20
<b>NARRATIVAS, JORNALÍSTICAS E LITERATURA</b>	<b>22</b>
Jornalismo biográfico e a reconfiguração de memórias da ditadura militar no Brasil: tensões e interseções teórico-conceituais.....	23
A prosa jornalística-literária de Siegfried Kracauer à luz da crônica brasileira .....	25
O real e o fictício: as estratégias textuais de Eduardo Galeano em sua coluna na revista brasileira Atenção! .....	27
Os animais no jornalismo: análise de reportagens contemporâneas.....	29
<b>IDENTIDADES, E ESPORTE NO JORNALISMO</b>	<b>31</b>
Complexidades identitárias em Santa Catarina: análise da narrativa de times catarinenses na mídia esportiva impressa local e nacional .....	32
Jornalismo esportivo e a cobertura da dupla GreNal: o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter.....	34
A trajetória profissional das mulheres no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina .....	36
O jornalismo feminino no rádio brasileiro .....	38

<b>ENSINO E MÉTODOS DE PESQUISA</b>	<b>40</b>
Experiências da África lusófona no ensino de Jornalismo.....	41
O ensino de jornalismo científico na UFSC: por uma formação crítica.....	43
Inovação e as Mutações do Telejornalismo: o desafio para o ensino.....	45
Etnografia como metodologia para os estudos de Newsmaking .....	47
 <b>RELAÇÕES, DE PODER E ESPAÇO PÚBLICO</b>	 <b>49</b>
Potencialidades e limites do jornalismo contra-hegemônico na cobertura do cotidiano no espaço urbano.....	50
Estratégias da assessoria da Samarco na construção do discurso do Jornal Nacional sobre o desastre no rio Doce.....	52
A Voz do Brasil entre o jornalismo público e a comunicação institucional.....	54
Oliveira Lima e o jornalismo como moeda de troca no pós-República.....	56
Profissionais do jornalismo: apontamentos sobre o mercado de trabalho formal no Brasil.....	58
 <b>TRANSFORMAÇÕES, EM PRÁTICAS E PRODUTOS JORNALÍSTICOS</b>	 <b>60</b>
Análise das sentenças judiciais referentes a matérias jornalísticas em Santa Catarina entre 2009 e 2017 .....	61
Adaptações na programação radiojornalística brasileira e a migração do AM para o FM .....	63
Notícias autodestrutivas: a produção de conteúdo jornalístico na pós-modernidade.....	65
Entre o prosumer e o gatekeeper: modelos de apropriação na produção da notícia no telejornalismo .....	67
Critérios de noticiabilidade para uso de conteúdos produzidos por agências noticiosas.....	69
Algoritmos e a influência na circulação de informações jornalísticas.....	72

## **CIDADANIA, NO JORNALISMO 74**

As noções de cidadania entre jornalistas brasileiros .....	75
As disposições de classe social nas notícias e nos comentários dos homicídios publicados pelo Diário Catarinense no Facebook .....	77
Novas tecnologias, velhos pensamentos: o jornalismo que desumaniza .....	79
O consumo da informação jornalística por jovens de comunidades periféricas .....	81
O jornalismo on-line a serviço da cidadania no Complexo do Alemão: uma análise do portal.....	83
A humanização do fotojornalismo do coletivo fotográfico SP invisível .....	85

## **INOVAÇÃO, NO JORNALISMO 87**

Hiperinfografia: um novo estágio para a visualização sintética no jornalismo .....	88
Jornalismo Imagético: produção do fotojornalismo na transição do impresso para a web.....	91
Jornalismo das Coisas (JoT) como novo gênero jornalístico: tecnologias, dispositivos e linguagem da internet das coisas no contexto da cidade digital .....	93
Jornalismo de Inovação: os Estudos de Tendências como ferramenta .....	95
Jornalismo vigilante sob vigilância: dilemas e questões que permeiam ações jornalísticas em um contexto de intrusão comunicacional massiva.....	98

# APRESENTAÇÃO

***Raquel Ritter Longhi***  
***Valci Regina Mousquer Zuculoto***  
*Coordenação do Posjor*

# Inventividade e dedicação para enfrentar a crise

No ano em que o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina completa seus dez anos, realizamos a 7ª Jornada Discente, organizada pelos estudantes do Programa.

Com alegria chegamos a esta sétima edição, num ano de muitas dificuldades para o mundo acadêmico e da pesquisa no País, mostrando que, com empenho, dedicação e criatividade, é possível enfrentar a crise.

A Jornada, realizada nos dias 07 e 08 de dezembro de 2017, dentro das comemorações dos 10 anos do Posjor, reúne apresentações do atual estado da arte da pesquisa no Programa, evidenciado nos projetos em andamento de 24 doutorandos e 15 mestrands, distribuídos em oito mesas.

Os temas refletem as preocupações de investigação centradas nas duas linhas de pesquisa do Posjor/Ufsc, a Linha 1 - Jornalismo, Cultura e Sociedade e Tecnologia e a Linha 2 - Linguagens e Inovação no Jornalismo.

Dentre as temáticas aqui apresentadas, pode-se ter uma ideia da pesquisa no Posjor, destacando-se: história da imprensa, jornalismo especializado, prosa jornalística-literária e crônica brasileira, jornalismo biográfico, jornalismo e vigilância, reportagem contemporânea, jornalismo e cidadania, pedagogia do jornalismo, humanização do jornalismo, conteúdo jornalístico na pós-modernidade, estudos de newsmaking, discurso sobre as mulheres no jornalismo cubano, cobertura do cotidiano no espaço urbano, o pensamento jornalístico a partir do pós-estruturalismo, crítica jornalística, problematizações de gênero na prática jornalística, ensino de jornalismo científico, liberdade de expressão, liberdade de imprensa, interesse público, construção do discurso jornalístico, critérios de noticiabilidade, cobertura jornalística. Na Linha dois, temas como: jornalismo imagético, fotojornalismo, narrativas digitais, formatos jornalísticos contemporâneos, webdocumentário no jornalismo, visualização sintética no jornalismo, newsgames, mudanças no mundo do trabalho, jornalismo feminino do rádio brasileiro, radiojornalismo, algoritmos e a influência na circulação jornalística, jornalismo em comunidades periféricas, jornalismo esportivo, produção da notícia no telejornalismo, comunicação institucional, humanização do fotojornalismo, jornalismo de inovação, jornalismo online a serviço da cidadania.

A Jornada Discente é o momento em que mestrands, doutorandos, professores e a comunidade acadêmica reúnem-se para mostrar, ouvir, discutir e aprender, todos com um só objetivo: intercambiar ideias, falar de suas paixões de pesquisa, de seus processos investigativos, de seus achados, de seus insights, dos estados da arte, em uma troca que só enriquece a todos nós.

Bom proveito!

# QUESTÕES, EPISTEMOLÓGICAS NO JORNALISMO

**Alteridade e tradução cultural como demarcações de um saber híbrido no jornalismo especializado em saúde**

Amanda Souza de Miranda

**O pensamento jornalístico a partir do pós-estruturalismo**

Pollyana Dourado dos Santos

**Jornalismo Feminista – o impacto das problematizações de gênero na prática jornalística**

Jessica Gustafson Costa

**Mulheres em *Mujeres*: tem como fugir da heteronormatividade? Os paradoxos do discurso sobre as mulheres na revista cubana *Mujeres***

Luis Alberto Fernández Silva

# Alteridade e tradução cultural como demarcações de um saber híbrido no jornalismo especializado em saúde

**Amanda Souza de Miranda** – Doutorado

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gislene Silva*

**Palavras-chave:** jornalismo especializado em saúde; hibridação; alteridade; tradução cultural.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre características e especificidades do jornalismo especializado em saúde a fim de identificá-lo como campo de recriação da narrativa médico-científica e, portanto, como lugar de produção de um saber híbrido, configurado a partir de características do científico e do popular e de um exercício de mediação.

É necessário estabelecer demarcações que permitam a compreensão teórica das notícias em saúde para diferenciá-la de outros produtos que circulam como texto, imagem ou narrativa na área, entendendo que esses processos não se dão somente na especialização, mas na produção jornalística – nesse caso, distinguindo a saúde de outras editorias por conta de particularidades de seus agentes e suas interações. Para tanto, seguirei por três caminhos teóricos que partem das seguintes definições:

1- A notícia em saúde é feita por um a partir de vários outros: isso pressupõe dizer que seu conteúdo é a representação do Outro a partir da forma como o concebe e o representa;

2 – A notícia em saúde é tradução cultural e, portanto, é uma reescrita: isso me leva a compreendê-la como um produto absolutamente distinto do discurso no qual ela se baseia;

3 – A notícia em saúde é um saber híbrido: não é um saber estruturado, universal, mas um saber feito de processos de recriação, reformulação e, portanto, hibridação.

O conceito de alteridade é chave para se compreender como o outro surge representado em diferentes textos. As diferenças culturais, por exemplo, são relevantes para entender como ele é posicionado nas narrativas jornalísticas. Miranda e Silva (2016) trouxeram essa questão ao analisar uma edição do programa Bem Estar, programa matutino exibido pela Rede Globo, que tratava sobre o parto. Entre as discussões acerca da narrativa produzida na edição está a de que os jornalistas se colocam sempre na posição do “outro” – qual seja a fonte técnica especializada do campo da medicina e o paciente. Seu discurso enfrenta de modo permanente essa dualidade: ouve e se projeta no paciente em busca de cura ou de

orientações práticas sobre saúde e bem-estar, ao mesmo tempo em que ouve e se projeta na figura do médico para oferecer tais orientações.

A ideia de tradução que trazemos aqui, aproxima-se mais dessa percepção e diverge das discussões mais práticas, que simplificam o método de produção textual ao exercício de reescrever jargões científicos e popularizar vocabulários técnicos. Nesse sentido, concordo com o pensamento de Soares e Silva (2013, p. 117), segundo o qual “o texto jornalístico, volta-se ao outro que busca interpelar, constituindo-o no interior de sua narrativa e na relação eu-outro” - assimilando, portanto, um processo de interação anterior ao texto e posterior a sua circulação.

Todo jornalista é um tradutor em potencial, mas não no sentido em que tradicionalmente incorporamos o conceito de tradução (o de transformar uma coisa em outra). A tradução, aqui, está relacionada à ideia de que “tudo é tradução, pois o (re)escrito nunca é original - o que vemos são camadas discursivas que se desdobram em outras, de modo infundável” (Soares e Silva, 2013, p. 111). As camadas discursivas de um texto sobre saúde guardam aspectos relacionados às rotinas jornalísticas, ao lugar das fontes nesse processo e à forma como o jornalista visualiza o leitor de suas estórias.

E no que resulta esses processos, senão num texto diferente do original, quer por ser construído a partir de um outro agente, imerso em outra cultura, quer por ser embalado numa estética própria, formulando e construindo um novo saber? Tomo esse saber como um saber de natureza híbrida, pois fundado em um saber autorizado reformulado ética, técnica e esteticamente, como um agente da construção de sentido, fazendo-o ser percebido como “exercício de entendimento de mundo”, como pontua Silva (2005).

O saber híbrido formulado pelas narrativas do jornalismo especializado em saúde não é tão somente um saber capaz de orientar tomadas de decisões ou mesmo de normatizar hábitos de cuidados com o corpo. É, antes, um elemento de co-criação de imagens, mitos, símbolos e estórias que compõem o repertório cultural compartilhado por jornalistas, fontes e audiências, hibridizados em forma e conteúdo por agentes que se relacionam em seus próprios campos, mas que se fundem em direção a uma estrutura narrativa e a um modo de contar.

## Referências

MIRANDA, Amanda Souza de; SILVA, Gislene. **Crítica da mediação jornalística em programa televisivo sobre saúde**. 2016. (Apresentação de Trabalho/Seminário). Seminário Mídia e Narrativa 2016.

SILVA, Gislene; SOARES, Rosana de Lima. O jornalismo como tradução: fabulação narrativa e imaginário social. **Galáxia** (São Paulo, online), n. 26, p.110-121, dez.2013.

SILVA, Gislene. Jornalismo e construção de sentido: pequeno inventário. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, vol. 2, n. 2, 2o. semestre, p. 95-107, 2005.

# O pensamento jornalístico a partir do pós-estruturalismo

***Pollyana Dourado dos Santos – Doutorado***

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gislene Silva*

**Palavras-chave:** epistemologia; jornalismo; ciência social aplicada; objeto de estudo do jornalismo.

Ao compreender que o jornalismo constitui-se um campo de pesquisa recente diante das ciências sociais, este trabalho busca refletir sobre a construção de seu objeto de estudo e suas matrizes epistêmicas. Tem como referencial teórico o pensamento foucaultiano (FOUCAULT, 1972) e a iniciativa da desconstrução em Derrida (2004). O objetivo é discutir o campo epistêmico do jornalismo a partir da sua condição de ciência social aplicada, cujo problema de pesquisa reside na tensão entre as dificuldades que essa condição coloca para a consolidação das teorias do jornalismo enquanto saber autônomo.

O recorte da pesquisa é o campo epistêmico do jornalismo e suas tensões sociais, tendo em vista que essa angulação possibilita a problematização sobre o que seria uma teoria do jornalismo diante do que se produziu em teoria da comunicação, suas proximidades e suas diferenças, buscando complexificar a especificidade do objeto de estudo relacionado às suas imaterialidades (SILVA, 2009a) e não apenas como estudo dos meios.

O que esta pesquisa busca tensionar é: até que ponto encontrar uma possível essência (GROTH, 2011) do objeto de estudo do jornalismo é garantia de autonomia epistêmica? Até agora o que se percebe é uma realização de adaptação das teorias da comunicação ao objeto empírico do jornalismo e chama-se isto de Teoria do Jornalismo (TRAQUINA, 2004; 2005). Essa problematização é importante para a construção de um objeto de estudo voltado não apenas para a condição de ciência aplicada, mas também se coloca em questão até que ponto o saber jornalístico está interessado em promover emancipação social e até que ponto ele encontra-se voltado para uma legitimação exclusivamente política dentro do campo acadêmico do jornalismo.

Esta pesquisa tem como um dos objetivos específicos a tentativa de complexificar a proposta de Groth (2011) sobre a identidade do objeto de estudo do jornalismo. Groth (2011) explica a necessidade de dissociar a ciência dos jornais das outras ciências como forma de delimitar as arestas do objeto de estudo do jornalismo. O estudo utiliza também dois conceitos constantes na pesquisa em jornalismo: o de singularidade em Genro Filho (2012) e o de verdade em Cornu (1994), como categoria imprescindível para entender o jornalismo enquanto possuidor de um objeto de estudo específico.

Tem como conceito nodal o de que o jornalismo é um dispositivo e entende-se que

os dispositivos podem ser os de saber/poder, os de disciplinarização dos corpos, os de coerção pelo legislativo, enfim, como um meio pelo qual os discursos materializam as suas formas de poder. O jornalismo seria, dessa forma, um dispositivo (FOUCAULT, 1979) que permite ver o mundo, funciona como um mecanismo por onde o discurso materializa suas relações de poder através de uma linguagem singular como entende Genro Filho (2012).

## Referências

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**: para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã**: diálogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

GROTH, Otto. **O Poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SILVA, Gislene. Sobre a imaterialidade do objeto de estudos do jornalismo. **Revista E-Compós**, Brasília, v.12, n. 2, maio/ago. 2009a.

\_\_\_\_\_. De que campo do jornalismo estamos falando? **Revista Matrizes**, ano 3, n. 1, p. 197-212, 2009b.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. v.1. Florianópolis: Insular, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional. v. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

# JORNALISMO FEMINISTA – o impacto das problematizações de gênero na prática jornalística

**Jessica Gustafson Costa – Mestrado**

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daiane Bertasso

**Palavras-chave:** jornalismo; feminismo; estudos de gênero; objetividade jornalística; Portal de Notícias Catarinas.

Esta pesquisa parte do entendimento de que o jornalismo precisa de grandes mudanças para deixar de produzir discursos que reproduzam desigualdades e violências simbólicas no que se refere às mulheres e seus atravessamentos de raça, etnia, sexualidade, classe e geração. Ao mesmo tempo, acredita que o feminismo tem muito a acrescentar ao jornalismo e que o trabalho que vem sendo desenvolvido, fora da mídia hegemônica, por jornalistas feministas, pode trazer um novo olhar sobre a profissão.

Para realizar este estudo, toma-se como **objeto empírico** o trabalho realizado pelas profissionais do *Portal de Notícias Catarinas* – Jornalismo com perspectiva de gênero<sup>1</sup>, criado em 2016, na cidade de Florianópolis, a partir de uma campanha de financiamento coletivo. Assim, o **objeto desta pesquisa** parte do questionamento: Quais implicações da perspectiva feminista das jornalistas do *Portal Catarinas*, demonstradas a partir de suas práticas, possibilitam a problematização da objetividade jornalística?

O **objetivo geral** é problematizar os impactos do feminismo na prática jornalística, alicerçadas especialmente no fundamento objetividade jornalística, por meio da observação da rotina de produção das notícias do *Portal de Notícias Catarinas*, das matérias produzidas e das opiniões das jornalistas. Para isso, os **objetivos específicos** dividem-se em: (a) observar de que forma a objetividade jornalística é acionada durante a rotina de produção das notícias e as discussões sobre o direcionamento da pauta escolhida; (b) analisar como as escolhas observadas durante a rotina de produção se cristalizam no texto jornalístico; (c) compreender como as jornalistas do *Catarinas* interpretam a objetividade jornalística em relação ao ativismo feminista que praticam.

A discussão sobre o jornalismo inicia-se com a reflexão sobre a institucionalização do campo e a assimilação das características da Modernidade, a partir das contribuições de Cremilda Medina (2006; 2008). Enquanto uma prática discursiva, discute-se o seu papel na manutenção das desigualdades sociais e seu potencial para a transformação social, tendo como referencial a teoria da Análise Crítica do Discurso, com Norman Fairclough (2001; 2012), e

---

<sup>1</sup> Portal Catarinas: <http://catarinas.info>

os Estudos Culturais, especialmente a proposta de Stuart Hall (1999; 2003) quando aborda a natureza consensual do jornalismo e a sociedade.

A premissa de que as matérias jornalísticas reproduzem os valores hegemônicos, incluindo representações de gênero, é trazida a partir de Marcia Veiga da Silva (2014; 2015), que constata que o gênero do jornalismo é masculino. A pesquisadora considera ainda que todos os tipos de conhecimento jornalístico são perpassados por uma racionalidade constituída de forma predominante a partir de um paradigma moderno e de um sistema-mundo capitalista, masculinista, racista, heterossexista, ocidentalista, os quais estabelecem os valores que legitimam o saber como verdade. E são os procedimentos jornalísticos para obtenção de informações os principais modos de agregar valor de veracidade às notícias, orientadas pelas noções de imparcialidade, equilíbrio e objetividade (SILVA, 2014; 2015).

A conexão conceitual entre o jornalismo e o feminismo é feita a partir das contribuições da bióloga e feminista norte-americana Donna Haraway (1995), que se debruçou sobre um fundamento comum na ciência e no jornalismo: a objetividade, propondo a sua resignificação a partir da ideia de objetividade corporificada. Para Haraway, isso significa saberes localizados, a partir de uma perspectiva parcial e de localização limitada, que nos torne responsáveis pelo que aprendemos a ver.

A formulação trazida pela autora fornece lastro para pensar que somente a inclusão de mulheres nas distintas áreas de conhecimento e profissionais não basta para atender à demanda feminista de redução das desigualdades de gênero. É necessário pensar tanto nas técnicas de trabalho quanto nos conceitos que direcionam essas práticas. A **metodologia adotada** é a pesquisa qualitativa, com a observação direta da rotina de produção das notícias no portal, a análise descritiva das matérias produzidas no período observado e a realização de entrevistas em profundidade com as jornalistas do Portal.

## Referências

- FAIRCLOUGH, Norman. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica [p. 307-329]. Tradução Iran Ferreira de Melo, **Linha D'Água**, v. 25, n. 2, São Paulo: USP, 2012.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Unb, 2001.
- HALL, Stuart at. al. A produção social das notícias: o mugging nos media [p.224-247]. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1999.
- HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade [p.103-131]. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença** – A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial [p.7-41]. **Cadernos Pagu**, n.5, Campinas: Unicamp, 1995.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

SILVA, Marcia da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Marcia da. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis**: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e a implicação dos regimes de saber-poder nas possibilidades de encontro com a alteridade. 276 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre: UFRGS, 2015.

# Mulheres em *Mujeres*: a construção discursiva das mulheres na revista cubana *Mujeres*

**Luis Alberto Fernández Silva** – Doutorado

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daisi Vogel*

**Palavras-chave:** mulher; gênero; discurso jornalístico; revista *Mujeres*; Cuba.

Este trabalho visa compreender as construções discursivas da revista cubana *Mujeres*, no período compreendido entre os anos 2010-2015, tema que estrutura a pesquisa que realiza no Doutorado em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A análise baseia-se em contribuições do feminismo pós-estruturalista, particularmente em alguns subsídios epistemológicos que ele tem proporcionado para questionar a categoria mulher.

Uma dessas abordagens que inspiram a pesquisa é a perspectiva da interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), porquanto ela contém postulações que problematizam a noção de igualdade decorrente de uma concepção universalista do sujeito mulher, contribuindo para uma visibilidade e problematização das diferenças que estruturam sistemas hierárquicos e desiguais para as mulheres. As colocações de Nogueira (2017) acerca da perspectiva interseccional salientam o quanto essa teoria legitima a multidimensionalidade das identidades e sua constituição na interseção de diferentes eixos de subordinação/privilégio (HILLS, 2000): raça, sexo, idade, classe, origem, renda, dentre outros.

Esses pressupostos tornam-se guias para repensar e desconstruir algumas óticas dentro das quais as mulheres são imaginadas, pensadas e nomeadas nas construções discursivas da revista *Mujeres*. A análise inicial tem permitido elaborar como hipótese da pesquisa que as produções discursivas da revista representam as mulheres a partir de noções de gênero tradicionais, ancoradas em valores patriarcais. Essas produções discursivas são enxergadas não apenas a partir de aportes do feminismo pós-estruturalista, mas também a partir de postulados da Teoria Social do Discurso proposta por Fairclough (2001).

Na sua compreensão do discurso como uma prática social em relação dialética com as estruturas da sociedade, Fairclough (2001) afirma que o seu exercício molda e restringe as normas que o constituem, mas também as relações, as identidades e as instituições que conformam a estrutura social. A contribuição de Fairclough (2001) possibilita entender a configuração e comportamento dos distintos elementos da ordem discursiva do texto, o que nos facilita uma maior compreensão das características e oposições ideológicas que confluem no discurso da revista.

As interlocuções entre o feminismo pós-estruturalista e a Teoria Social do Discurso proposta por Fairclough (2001) poderiam ser pensadas em múltiplos sentidos, mas acredito que ambas as perspectivas partilham a ideia do sujeito como sendo constituído pelo discurso e o fato deste (o discurso) se tornar uma instância de poder que nomeia, classifica, normatiza e, ao mesmo tempo cria fronteiras entre o que pode ser tido como sujeito, (mulher, no caso da minha pesquisa) e o outro.

A revista cubana *Mujeres* é uma criação do projeto revolucionário. E isso faz com que a análise das suas produções discursivas seja contextualizada nesta pesquisa, a partir de uma descrição de diferentes períodos de emergência e visibilidade das mulheres no processo de constituição da nação cubana. Assim, realizo um mapeamento das lutas e reivindicações protagonizadas pelas mulheres cubanas e o papel da imprensa na configuração do imaginário social em torno do sujeito mulher nesse contexto. Destaca-se o período revolucionário (1959-atualidade) e o projeto emancipador que nele se constitui e que teve e ainda tem na mulher cubana uns dos seus principais alvos quanto à garantia de direitos e igualdade de oportunidades. De igual maneira se destaca o papel da imprensa nessa fase, em especial a revista *Mujeres* como órgão oficial de imprensa da organização social (FMC)<sup>1</sup>, encarregada de coordenar e implementar o projeto emancipador das cubanas.

Dada a importância da revista *Mujeres* na visualização da mulher-efeito da política de igualdade cubana, a análise vai identificar: quem conta como mulher para o discurso oficial cubano? Qual é a mulher considerada beneficiária desse projeto de igualdade e quais são excluídas por meio do não reconhecimento discursivo?

## Referências

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**. v. 10, n. 1, 2002. Florianópolis. p. 171-188. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf> (acesso em: setembro de 2017)

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HILL, Patricia. **Black Feminism Thought: Knowledge, consciousness and the politic of empowerment**. London: Routledge, 2000.

MCCALL, Leslie. **The complexity of Intersectionality**. *Sings*. v. 30, n. 3, 2005. p. 1771-1800. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/426800> (Acesso em 26 out. 2017).

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e Psicologia Feminista**. Salvador, Bahia: Editora Devires, 2017.

---

<sup>1</sup> Federação de Mulheres Cubanas.

# NARRATIVAS, JORNALÍSTICAS E LITERATURA

**Jornalismo biográfico e a reconfiguração de memórias da ditadura militar no Brasil: tensões e interseções teórico-conceituais**  
Cândida de Oliveira

**A prosa jornalísticaliterária de Siegfried Kracauer à luz da crônica brasileira**  
Claudia Silveyra D'Avila

**O real e o fictício: as estratégias textuais de Eduardo Galeano em sua coluna na revista brasileira *Atenção!***  
Francielli Cristina Campiolo

**Os animais no jornalismo: análise de reportagens contemporâneas**  
Daniela Caniçali

# Jornalismo biográfico e a reconfiguração de memórias da ditadura militar no Brasil: tensões e interseções teórico-conceituais

***Cândida de Oliveira*** – Doutorado

*Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim*

**Palavras-chave:** jornalismo biográfico; memória; ditadura militar.

A pesquisa investiga a apropriação do biográfico pelo jornalismo no contexto cultural contemporâneo, a fim de compreender como, a partir dessa apropriação, realiza-se um exercício político e poético de reconfiguração de memórias da ditadura militar no Brasil. Buscamos pensar o papel desta produção jornalística em relação às “memórias subterrâneas” (POLLAK, 1989), isto é, ligadas às vítimas da história (oficial) que clamam por redenção, para falar na perspectiva de W. Benjamin.

A proliferação de reportagens (auto)biográficas e de outros formatos jornalísticos com foco nas histórias de vida e no protagonismo de pessoas diretamente afetadas pela repressão durante o período ditatorial (1964-1985), faz-nos pensar em um conjunto de narrativas de caráter específico o qual estamos propondo então chamar de jornalismo biográfico. Essa denominação é pensada a partir do conceito de “espaço biográfico” (ARFUCH, 2010) que sinaliza a coexistência de formas dissimilares, mas interdiscursivamente relacionadas e sintomáticas de um investimento de novos sentidos e valorações nos processos de subjetivação contemporânea.

De modo específico, buscamos refletir sobre as dimensões técnica, ética e estética do jornalismo biográfico e verificar os modos de subjetivação presentes nesta produção narrativa, sem deixar de considerar as tensões e interseções teóricas que permeiam a biografia e o biografar.

Enquanto objeto de estudo, as biografias permitem, segundo Silva (2009), a reflexão sobre os vínculos sociais e históricos relacionados às formas que levam um personagem e sua trajetória serem lembrados ou esquecidos ao longo do tempo. Para Herschmann e Pereira (2009), o “boom” da biografia e do biográfico na cultura contemporânea confirma a relevância cada vez maior dada à memória.

A biografia é considerada um “gênero híbrido” (DOSSE, 2015) que aciona mecanismos de diferentes campos de conhecimento, como o jornalismo, a história e a literatura, e remete “ao horizonte epistemológico da possibilidade de verdade e da diferença entre narrativa de ficção e narrativa de verdade” (SILVA, 2015, p. 7-8).

Outras questões englobam a relação biográfica e a dimensão axiológica relacionada à exposição da trajetória de uma vida, as quais podem ser pensadas a partir das noções de “ilu-

são biográfica” (BOURDIEU, 2006) e de “valor biográfico” (BAKHTIN, 1997), tendo em vista o potencial que a biografia tem de servir para a auto-objetivação. Além disso, no contexto brasileiro, constata-se uma evolução e renovação do biografismo, com “a construção de uma episteme do biografar pelos jornalistas que atravessa o gênero” (VIEIRA, 2015, p. 183).

Por fim, vale lembrar que, na construção de “um personagem ou uma história de vida, as fronteiras do real e do imaginário se diluem” (MEDINA, 2003, p. 130) em favor de uma reportagem interpretativa que procura muito mais compreender o mundo do que explicá-lo. É, pois, defrontando-se com os mistérios do imaginário a partir de uma interação humana criadora, e superando a dicotomia racional/irracional que se pode criar, no rigor e fidelidade realista, “uma narrativa autoral, única na poética e nas referências ao mundo concreto” (MEDINA, 2003, p. 133).

## Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.
- DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C. A. M. O “boom” da biografia e do biográfico na cultura contemporânea. In: SCHOLLHAMMER, K.; KRIEGER, H. (Orgs.). **Literatura e Mídia**. Rio de Janeiro: PUC-RJ/Loyola, 2002.
- LÖWY, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MEDINA, C. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SILVA, J. M. Apresentação. In: GUTFREIND, C. F. (Org.). **Narrar o biográfico: a comunicação e a diversidade da escrita**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 7-8.
- SILVA, W. C. L. Biografias: construção e reconstrução da memória. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 11, n. 20, p. 151-166, jul./dez. 2009.
- VIEIRA, K. M. **Do fazer um saber: a construção do biografar: o discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros**. Tese [Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação]. 212 f. Universidade do Vale do Rio dos Sinos: São Leopoldo, 2015.

# A prosa jornalística-literária de Siegfried Kracauer à luz da crônica brasileira

**Claudia Silveyra D'Avila – Mestrado**

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daisi Irmgard Vogel

**Palavras-chave:** crônica, cidade, modernidade, memória, Siegfried Kracauer.

O jornalista, escritor, crítico de cinema alemão Siegfried Kracauer (1889-1966) acompanhou o dia-a-dia da República de Weimar (1919-1933), através milhares de ensaios, resenhas, e principalmente crônicas. Nelas, o autor conjugava o prazer estético e literário com o interesse informativo e cognitivo. As crônicas mais representativas, no sentido de combinar literatura e informação, foram publicadas na antologia *Ruas em Berlim e alhures* (1964). Estas, chamadas por ele “*Stadtbilder*” (imagens urbanas) correspondendo ao termo benjaminiano “*Denkbilder*” (imagens do pensamento) descreviam, com um olhar fílmico, atribuído a um narrador andante, fenômenos, espaços públicos, tipos humanos, objetos concretos, aparentemente insignificantes, e em parte ignorados pelos transeuntes urbanos e pelas ciências sociais, mas reveladores e alegorizáveis da vida da grande cidade. São fragmentos esboçados numa perspectiva subjetiva e sugestiva que revelam um gesto “iluminista” do autor de tornar visíveis aspectos relevantes de processos políticos, sociais e culturais, e de opor-se ao esquecimento, à falta de memória provocada pela acelerada modernização urbana que mudou rapidamente a fisionomia das cidades e os modos de comunicação.

Enquanto na América Latina o gênero da crônica não só existe e tem uma denominação consagrada, justamente o termo “crônica”, nos países de língua alemã falta um termo genericamente aceito. Isto acarreta um problema de certa forma epistemológico, pois existe uma tradição de textos que, vistos a partir das culturas latino-americanas e especialmente da brasileira, podem ser vistos como crônicas, mas que na Alemanha carecem duma denominação concreta, sendo considerados ora ensaios breves, ora miniaturas em prosa, etc. Com esse pano de fundo, nasce esta pesquisa com o intuito de elucidar os contornos e especificidades deste gênero híbrido, hoje considerado genuinamente brasileiro e ambigualmente tratado na pesquisa alemã. Para isso, este trabalho tem em mira uma análise comparativa em termos literários, jornalísticos, socio-culturais de algumas crônicas berlinenses de Siegfried Kracauer e algumas crônicas brasileiras do poeta, escritor e cronista paulista Mário de Andrade reunidas no livro *De São Paulo cinco crônicas de Mário de Andrade* (2004), e do cronista carioca João do Rio reunidas no livro *A alma encantadora das ruas* (1908). As crônicas que têm como cenário principal a cidade, os espaços urbanos, as ruas, os transeuntes serão submetidas a uma micro- e macro-análise filológica, literária, histórico-cultural, na luz de teorias e reflexões de Benjamin, Kracauer, G. Simmel, A.Candido, Jorge de Sá, H.Stalder, e outros. Enfocado no conteúdo manifesto nas crônicas, este trabalho pergunta pela percepção, postura, atitude

dos intelectuais frente à modernização do ponto de vista humano, social, cultural, merecendo atenção especial a memória e o esquecimento diante das rápidas mudanças.

A pesquisa sustenta duas hipóteses, a primeira é que os avanços tecnológicos, urbanísticos tiveram, de um modo geral, uma recepção mais positiva no Brasil do que na Alemanha. A segunda hipótese se propõe verificar se através de uma análise microscópica e contextualizadora é possível detectar uma função memorialística da crônica, ou seja, a crônica no sentido historiográfico do termo, pela capacidade que a crônica jornalística tem de preservar a memória. Isto pode revelar, numa perspectiva atual, tendências, aspectos, estruturas sociais da época que foram silenciadas pela historiografia oficial.

O método de trabalho é o do *Close Reading* contextualizador das crônicas, centrado, num primeiro momento, na micro-análise textual, técnica, jornalística, poética, e num segundo momento, no enfoque macroscópico, histórico, sociológico, contextualizador e atualizador.

# O real e o fictício: as estratégias textuais de Eduardo Galeano em sua coluna na revista brasileira *Atenção!*

**Francielli Cristina Campiolo – Mestrado**

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daisi Irmgard Vogel

**Palavras-chave:** antropologia literária; ficção; jornalismo; Eduardo Galeano.

Esta pesquisa se sustenta na hipótese de que o escritor e jornalista Eduardo Galeano combina em seus artigos de opinião estratégias textuais do jornalismo e da literatura de maneira intencional, a fim de que o próprio leitor ressignifique a realidade. Desta forma, o objeto de estudo é a relação entre o real e o fictício na coluna de Galeano chamada *Veias Abertas/Janelas Abertas*, na revista brasileira *Atenção!*. O objetivo é identificar e analisar em cada texto a maneira a qual Galeano entrecruza as marcas de veracidade, precisão e testemunho, que são comumente tidas como preceitos do jornalismo; e o fictício, proveniente da literatura.

A inquietação que me motiva a desenvolver este trabalho é justamente a lacuna verificada nos estudos a respeito dos artigos de opinião do autor, que se expande ainda aos textos traduzidos para o português e veiculados na imprensa brasileira no final da década de 1990. Portanto, defino como objeto empírico os dez textos de Galeano publicados na *Atenção!*, entre os anos de 1995 e 1997, tempo de duração do periódico.

A revista foi inspirada na antiga *Realidade* (1966-1976) da Editora Abril, com reportagens investigativas e espaço dedicado ao jornalismo cultural. Ademais, caracteriza-se como sendo um dos dois únicos meios de comunicação do Brasil a veicular textos de Eduardo Galeano e possui um rico material do uruguiaio traduzido para o português.

Para desenvolver a pesquisa, aplico procedimentos de análise decorrentes da antropologia literária, sendo o referencial teórico principal a obra *O fictício e o imaginário - perspectivas de uma antropologia literária*, de Wolfgang Iser. A abordagem parte do pressuposto de que o ato de ficcionalizar é inerente ao ser humano, tanto nas tarefas corriqueiras até mesmo na busca de conhecimento acerca do mundo e de si mesmo.

Justifico a escolha por considerar que a ficção contribui para o entendimento da realidade, muito mais do que a descrição precisa de dados. Além disso, considero que Galeano entrecruza testemunho, informações precisas e imaginação com maestria, deixando para o leitor o papel de interpretar o texto de acordo com suas experiências de vida. Por isso recorro a Iser, que nega a dicotomia entre ficção e realidade, pois diz haver muita realidade no texto ficcional que deve ser identificável tanto como realidade social quanto sentimental e emocional (ISER, 2013).

A análise dos textos de Galeano será realizada a partir do que Iser propõe como sendo elementos que possibilitam a identificação do ficcional em um texto literário: os atos de fingir, que são transgressões de limites desde o difuso (imaginário) até o determinado (objetivo). Nesse processo do ficcional, a realidade é reformulada a partir dos artifícios utilizados pelo autor em conjunto com as experiências de cada leitor.

Os atos de fingir de Iser são a seleção, a combinação e a autoindicação. Então, o passo inicial de análise é a seleção, que consiste na verificação de quais elementos foram retirados do mundo real e desvinculados da estrutura semântica original. Nesta escolha sem regra do que será incluído no texto, é perceptível o que dele ficou de fora. “Como ato de fingir, a seleção possibilita então apreender a *intencionalidade* de um texto” (ISER, 1996, p. 18).

Na seqüência – combinação – é possível saber como os elementos selecionados foram reformulados e organizados na realidade ficcional. Conforme a combinação utilizada, pode haver uma significação imprevisível, pois são criados *relacionamentos intratextuais* resultantes daquilo que o texto se apropriou. Desse modo, seleção e combinação dizem respeito às transgressões de limites entre texto e contexto, ou seja, campos de referência intratextuais. Já a autoindicação dos elementos é o que Iser chama de *desnudamento da ficcionalidade* e será utilizado para verificar o real que foi colocado “entre parênteses” no texto, ou seja, “para que se entenda que o mundo representado não é o mundo dado, mas que deve ser apenas entendido como se o fosse” (ISER, 1996, p. 24).

Essa pesquisa é uma contribuição para como Galeano valoriza as palavras e articula ficção e realidade nos artigos de opinião. Ao escolher Iser, escaparei de uma análise purista, que separa realidade e ficção, ou ainda que fique somente nas técnicas da linguagem.

## Referências

ATENÇÃO!, Edição de lançamento, outubro de 1995.

FIGUEIREDO, Thiago da Câmara. Teorias da Ficção: semelhanças e diferenças entre a Teoria do Efeito Estético, de Wolfgang Iser, e a Teoria da Mimesis, de Luiz Costa Lima. In: FARIAS, Sonia Ramalho de; PEREIRA, Kleyton Ricardo Wanderley. **Mimesis e Ficção**. Recife: Pipa Comunicação, 2013. p. 45-72. Disponível em <goo.gl/gEpShV> (último acesso: 17/01/2017).

ISER, A. Wolfgang. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 260-291.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. Publicação Original 1 ed., 1991; Editora Página Aberta Ltda. 2 ed., revista e ampliada, 2001, Edusp. Disponível em [http://kucinski.com.br/pdf/livros\\_jornrevPrint.pdf](http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf) (último acesso: 10/10/2017).

# Os animais no jornalismo: análise de reportagens contemporâneas

**Daniela Caniçali** – Doutorado

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daisi Irmgard Vogel*

**Palavras-chave:** jornalismo; reportagem; animais; especismo.

Esta pesquisa parte de uma perspectiva teórica não antropocêntrica e não especista, que inclui os animais em nossa esfera de consideração moral. O antropocentrismo refere-se à ideia, amplamente difundida, de que o ser humano é o centro do universo e todas as outras formas de vida existem com o objetivo de lhe servir. O paradigma antropocêntrico está fundamentado no sistema filosófico ocidental – sobretudo nas teorias desenvolvidas pelo francês René Descartes – e nas escrituras religiosas. A interpretação corrente da passagem bíblica que conclama o “homem” a dominar “os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra” (Genesis, 1:26) é a de que “todos os seres vivos” estariam à mercê do ser humano.

O termo especismo foi criado em 1970 pelo psicólogo inglês Richard D. Ryder para designar a exploração e preconceito contra membros de outras espécies, em favor da espécie humana. Como todas as formas de discriminação, o especismo se baseia em critérios arbitrários e inconsistentes. Desde então, a expressão passou a ser adotada por autores que se dedicam aos direitos animais: “Usar a espécie para justificar a condição de propriedade dos animais é especismo, assim como usar a raça ou o sexo para justificar a condição de propriedade de humanos é racismo ou sexismo” (FRANCIONE, 2013, p. 32-33).

Embora esse conceito tenha sido instituído e disseminado apenas nas últimas décadas, desde a Antiguidade Clássica há registros de vozes que questionaram a exclusão das demais espécies de nossa esfera de consideração moral. Pitágoras (570-500 a. C.) é provavelmente o mais antigo filósofo a apresentar argumentos pró-animais: “Até 1847 [...], a palavra mais comum para designar aqueles que não comiam animais era ‘pitagórico’” (ADAMS, 2012, p. 125). Ovídio (43 a. C. - 18 d. C.) fez referência ao pensamento de Pitágoras no Livro XV da obra “Metamorfoses” (2017, p. 665):

Foi ele [Pitágoras] o primeiro a censurar que os animais fossem nas mesas servidos [...]: “Mortais, não profaneis em nefastos festim a cadáveres! Há cereais, há frutos que aos ramos vergam com sua gravidade, e uvas suculentas nas videiras. Há verduras macias, e as que podem ao fogo amolecer [...]: pródiga, a terra dádivas nos oferece e tenros alimentos, iguarias isentas de sangue e mortandade. [...] quanto crime há em vísceras saciarem vísceras, em se engordar um corpo voraz do acúmulo de outro corpo, em um animado ser da morte de um igual viver!”

Plutarco (46-120) também expressou consideração pelos animais no ensaio “Do consumo de carne”; Porfírio (232-304) publicou, em quatro volumes, a obra “Sobre a abstinência do alimento animal”, defendendo um tratamento justo aos animais. E mais tarde, no século XV, Leonardo da Vinci (1432-1519) foi outro grande defensor das demais espécies. Esses nomes são uma breve amostra dos diversos indivíduos, conhecidos ou não, que já questionaram o comportamento humano em relação aos animais. Entretanto, as contestações às ideologias antropocêntricas e especistas ao longo da história não tiveram amplo alcance. Ainda habitamos um tempo e espaço onde essas ideias permanecem hegemônicas e a exploração animal segue vigente para os mais diversos fins.

Uma das possibilidades de difusão de perspectivas não hegemônicas, para além da esfera dos especialistas, é sua veiculação pelos meios de comunicação e, mais especificamente, pelos produtos jornalísticos. A propagação de ideias contestatórias – que permitiriam a abertura de novos horizontes, novas formas de ver e se comportar no mundo –, é uma das potencialidades do jornalismo. Partindo do referencial teórico apresentado, esta pesquisa busca identificar como os interesses dos animais são considerados em reportagens contemporâneas.

A seleção do *corpus* segue critérios de consistência e representatividade. Trata-se, assim, de um estudo qualitativo. São analisados textos/imagens/vídeos, publicados em veículos nacionais, que abordam as mais diversas formas de exploração animal: alimentação, vestuário, entretenimento, esporte, experimentação científica etc. Procura-se observar em que medida a perspectiva teórica que questiona os paradigmas antropocêntricos e especistas está presente no campo jornalístico contemporâneo.

## Referências

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne**: a relação entre o carnivorismo e a dominância masculina. São Paulo: Alaúde editorial, 2012.

BÍLIA, A. T. Gênesis. Português. In: **Bíblia Sagrada**: edição pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p. 15.

FRANCIONE, Gary L. **Introdução aos direitos animais**: seu filho ou o cachorro? Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

OVÍDIO. **As metamorfoses**. Organização: Marli Furlan, Zilma Gesser Nunes. Tradução: Claudio Aquati et al. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

# IDENTIDADES, E ESPORTE NO JORNALISMO

**Complexidades identitárias em Santa Catarina: análise da narrativa de times catarinenses na mídia esportiva impressa local e nacional**

Matheus Simões Mello

**Jornalismo esportivo e a cobertura da dupla GreNal: o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter**

Thalita Raphaela Neves de Oliveira

**A trajetória profissional das mulheres no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina**

Ediane Teles de Mattos

**O jornalismo feminino no rádio brasileiro**

Juliana Gobbi Betti

# Complexidades identitárias em Santa Catarina: análise da narrativa de times catarinenses na mídia esportiva impressa local e nacional

**Matheus Simões Mello** – Doutorado

*Orientador: Prof. Dr. Mauro César Silveira*

**Palavras-chave:** jornalismo esportivo; narrativa; identidade; futebol; Santa Catarina.

Graças a fatores culturais, sociais, políticos, econômicos e históricos, o estado de Santa Catarina possui contornos demográficos bastante particulares. Tais circunstâncias alavancaram algumas microrregiões a um patamar político e arrecadatário similar ou maior do que a capital Florianópolis, o que acaba por resultar em choque de forças, vaidades e exaltação de feitos locais; disputas que permeiam tanto as instâncias político-sociais quanto as agremiações futebolísticas mais representativas dessas localidades. E, considerando que as rivalidades no futebol também são constituídas em torno de embates por uma “supremacia simbólica” (ALABARCES, 1998, p. 11), entende-se que a cobertura jornalística do esporte mais popular do mundo é um ambiente extremamente fértil para acompanhar os desdobramentos do quadro supracitado.

Assim sendo, esta pesquisa tem o objetivo de verificar como os cinco principais clubes catarinenses de futebol (Avaí, Chapecoense, Criciúma, Figueirense e Joinville) são representados pela mídia impressa, tanto em jornais das cidades de tais equipes (Chapecó, Criciúma, Florianópolis e Joinville), quanto em veículos do eixo Rio-São Paulo, centro da cobertura esportiva brasileira. Para tanto, divide-se esta investigação em três momentos: a) observar como a mídia impressa das cidades acima citadas representa o(s) clube(s) e o(s) torcedor(es) da(s) equipe(s) local/locais; b) averiguar como diários dos municípios acima referidos representam os outros quatro (ou três, no caso de Florianópolis) times estaduais aqui analisados; c) investigar como os jornais do eixo Rio-São Paulo representam os cinco grandes catarinenses e seus aficionados.

Parte-se da hipótese de que as publicações de cada cidade barriga-verde aqui analisada constroem narrativas divergentes entre os clubes conterrâneos e os rivais estaduais, enquanto a imprensa carioca e paulistana retrata times e aficionados catarinenses da mesma forma. A partir da verificação de tais premissas no decorrer desta investigação, será possível ampliar as reflexões sobre os conflitos identitários no futebol e o papel do jornalismo esportivo nesse processo, sendo este o objeto de estudo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utiliza-se como procedimento metodológico a Análise Crítica da Narrativa, proposta por Motta (2013). Acredita-se que as relações identitárias das quais se pretende tratar são envoltas por narrativas, sendo estas compostas por estratégias argumentativas empregadas pelo emissor. A vista disso, além dos movimentos e parâmetros analíticos estabelecidos por Motta, faz-se necessário tecer um apanhado histórico acerca de episódios-chave da formação de Santa Catarina, bem como de sua imprensa esportiva e, obviamente, de seu cenário futebolístico.

Ainda que em estágio inicial, esta pesquisa já forneceu algumas pistas instigantes, seja na análise de fragmentos do corpus ou na utilização do modelo analítico na investigação de materiais afins. Destacam-se a identificação explícita de profissionais vinculados ao jornal *A Notícia* como torcedores do Joinville Esporte Clube na cobertura do título jequeano da Série B 2016, o que pode ser atrelado à exigência de uma “parcialidade às avessas” (MELLO, 2016), e a queda do voo LaMia 2933 – que vitimou quase toda a delegação da Associação Chapecoense de Futebol na véspera do momento mais importante da história do clube – como um possível ponto de ruptura nas narrativas da rivalidade futebolística catarinense (MELLO, 2017).

## Referências

ALABARCES, P.. ¿De qué hablamos cuando hablamos de deporte?. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n.15, pp.74-86, 1998.

MELLO, M. S.. **Complexidades identitárias em Santa Catarina**: delimitações e apontamentos preliminares sobre futebol e imprensa em Joinville. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39, São Paulo, SP, 2016.

\_\_\_\_\_. **Força, Chape!?** Narrativas da rivalidade futebolística em jornais catarinenses antes e depois da queda do voo LaMia 2933. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40, Curitiba, PR, 2017.

MOTTA, L. G. F.. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora da UnB, 2013.

# Jornalismo esportivo e a cobertura da dupla GreNal: o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter

**Thalita Raphaela Neves de Oliveira** – Doutorado

*Orientador: Prof Dr Mauro César Silveira*

**Palavras-chave:** jornalismo esportivo; clubismo; discurso; subjetividade; Rio Grande do Sul.

Em *A Invenção da Sociedade Gaúcha*, a historiadora Sandra Pesavento (1993) discute um estereótipo relativamente consensual sobre o Rio Grande do Sul, manifesto em personagens, rituais, crenças e práticas sociais típicas que reforçam o imaginário social do gaúcho característico. A autora alerta para o fato de esse imaginário não ser, obrigatoriamente, o reflexo do real, ainda que tenha se constituído e se reforçado historicamente, como no caso das performances que compõem o *ethos* do gaúcho na intenção de definir uma sociedade sulina.

O imaginário social do Rio Grande do Sul, além das características que compõem o *ethos* do personagem típico, carrega outro atributo discutível: a dicotomia. No estado estereotipado pelo oito ou oitenta, qualquer que seja o assunto, tendem a coexistir apenas os dois lados da moeda: ou você é chimango ou maragato, ou “coxinha” ou “petralha”, ou Grêmio ou Inter. Se for Inter, tem que ser anti-Grêmio. E vice-versa.

O futebol gaúcho, inclusive, carrega muito das raízes históricas, geográficas e culturais do estado. A questão racial, por exemplo, alicerçou a fundação do Sport Club Internacional, em contraposição à fundação do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense que, nos primórdios de sua história, só aceitava membros de descendência alemã em seu grupo. Por essas e (muitas) outras, o futebol é constantemente veiculado pela mídia como um dos principais traços identitários do Rio Grande do Sul, com referências a um estilo único de se jogar futebol, justamente associado ao estereótipo do futebolista gaúcho como um produto das guerras: altivo, valente e destemido.

Partindo então dessas perspectivas, esta pesquisa tem como objeto de estudo as possíveis intervenções das preferências clubísticas dos repórteres esportivos do jornal *Zero Hora* (ZH) na construção do discurso noticioso, analisando notícias publicadas e depoimentos desses repórteres. Considerando-se, ainda, a editoria esportiva como uma área dotada de certo grau de liberdade narrativa e editorial, bem como um espaço em potencial para o exercício da subjetividade – por tratar de temas que envolvem emoção, paixão e preferências – o objetivo desta pesquisa é identificar se e de que modo as preferências clubísticas dos jornalistas do caderno *ZH Esportes* intervêm na construção do discurso jornalístico sobre a dupla GreNal, sobretudo em um contexto peculiar na história dos dois rivais seculares, ocorrido simulta-

neamente ao final de 2016: a conquista da Copa do Brasil pelo Grêmio e o rebaixamento do Internacional para a Série B do Campeonato Brasileiro.

Para viabilizar este estudo, a metodologia proposta é a Análise de Discurso (AD), sob as óticas de Benetti (2008) e Orlandi (1984). As etapas metodológicas consistem em, primeiramente, mapear no corpus noticioso marcas discursivas que possam remeter às preferências clubísticas dos repórteres para, em seguida, realizar entrevistas em profundidade com esses profissionais, identificando e correlacionando em seus depoimentos os possíveis discursos e informações por eles silenciadas/omitidas no conteúdo noticioso.

O trabalho estrutura-se em dois capítulos teóricos e um terceiro capítulo empírico. Como pontapé inicial, o primeiro capítulo trata da rivalidade clubística a partir do contexto sociocultural do Rio Grande do Sul e de aspectos históricos da consolidação do jornalismo esportivo, sob as perspectivas de autores como Pesavento (1993), Damo (2002) e Ribeiro (2007). O segundo capítulo se aprofunda no dilema teoria x prática na editoria esportiva, fazendo o meio de campo entre a formação do jornalista, os fundamentos da profissão e as particularidades da editoria esportiva no exercício da atividade, com base nos estudos de Lopez (1979; 2005), Wolf (2008), Traquina (2005) e Sousa (2000). Por fim, o capítulo empírico trata da análise discursiva do corpus, detalhando todo o percurso metodológico e correlacionando as proposições apresentadas e os resultados obtidos até o momento do apito final.

## Referências

ALCOBA, Antonio Lopez. **Periodismo Deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.

BENETTI, Márcia. **Análise de Discurso em Jornalismo**: estudo de vozes e sentidos. Petrópolis: Vozes, 2008.

DAMO, A. S.. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PESAVENTO, Sandra. **A invenção da sociedade gaúcha**. Ensaios FEE, Porto Alegre, n. 14, v.3 1993, p.383-396.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo**: história da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra: Minerva Editora, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** vol. I. Porque as notícias são como são? Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

# A trajetória profissional das mulheres no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina

**Ediane Teles de Mattos** – Doutorado

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valci Regina Mousquer Zuculoto*

**Palavras-chave:** história do rádio no Brasil; radiojornalismo esportivo; mulher no rádio esportivo, radiojornalismo esportivo catarinense.

Resgatar a história de um lugar ou de pessoas exige uma busca interminável de estórias, documentos, registros escritos e orais que somados darão uma versão do que aconteceu ou de quem a pessoa era na visão do outro. Como afirma Benjamin, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como de fato ele foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela lampeja no momento de um perigo” (1994, p. 224).

No entanto, antes de tudo, exige-se a clareza de que não se trata de buscar uma verdade única dos acontecimentos, mas interpretações subjetivas que ajudarão na compreensão do todo, “o efeito do real” (BOURDIEU, 2006). Partindo deste entendimento, esta pesquisa tem como objetivo (re)contar através de um registro histórico a trajetória da presença profissional de mulheres no radiojornalismo esportivo catarinense.

O estado da arte mostra que a maioria dos registros existentes é memorialista, descritivo e recupera apenas partes da história, trazendo informações individualizadas e específicas por regiões geográficas. Há uma lacuna na apresentação de um panorama geral sobre a trajetória feminina no rádio esportivo. Na Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro (PRATA, SANTOS, 2012), resultado de uma investigação do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, encontram-se 231 biografias de profissionais que construíram e continuam fazendo a história do rádio esportivo no Brasil. No entanto, não há nem uma mulher entre os biografados de norte a sul do país.

A obra, que “é um rico panorama de biografias de radialistas com representação real para a sua região de origem” (PRATA, SANTOS, 2012, p. 16), evidencia indiscutivelmente o protagonismo masculino no gênero esportivo do rádio brasileiro. Porém, vale ressaltar que a mulher também participou da construção histórica da radiodifusão nacional, bem como da catarinense.

Partindo desse apontamento de que as mulheres, mesmo que de maneira quase invisível ou ainda não realizada, marcaram presença, inclusive desde as primeiras fases do meio (MEDEIROS, VIEIRA, 1999), justifica-se a investigação na busca de conhecer e dar visibilidade a essa parte da história da radiodifusão catarinense.

O objeto empírico é composto pelas emissoras de rádio de Santa Catarina que possuem na sua grade de veiculação programas esportivos nos quais as mulheres integraram as equipes de produção. O marco temporal para a seleção do *corpus* inclui o período que estende-se entre a implantação da radiodifusão catarinense, na década de 1930, até a contemporaneidade.

Como metodologia, optou-se pela análise documental, entendida por Sônia Virgínia Moreira (2000) como método e técnica, sendo usada nesta pesquisa das duas formas. A análise documental é bastante utilizada pelos pesquisadores da comunicação que realizam o resgate da história de meios, personagens e períodos, a partir da identificação, verificação e apreciação de documentos.

Como forma de possibilitar essa análise, além da pesquisa bibliográfica a fim de conhecer o estado da arte sobre as profissionais no radiojornalismo esportivo catarinense, buscou-se em bibliotecas, acervos de rádios e/ou de particulares, documentos (fotos, livros, programas radiofônicos, revistas, jornais) que ajudem a (re)contar a história dessas mulheres.

Entendendo que, muitas vezes, se tem no documento o único testemunho ou vestígio do passado, sendo insubstituível à reconstituição de acontecimentos distantes (CELLARD, 2008), tais registros são as principais fontes para pesquisar dados referentes ao período histórico do estudo. Pela revisão bibliográfica e documental será possível sistematizar dados para visualizar o passado de forma mais completa e mesmo compreender o presente.

## Referências

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p.183-191.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008 (Coleção Sociologia).
- MEDEIROS, Ricardo; VIEIRA, Lúcia Helena. **História do rádio em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1999.
- MOREIRA, Sonia. Virgínia. Análise Documental como método e como crítica. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, cap. 17, p. 269-279
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.
- PRATA, Nair; SANTOS, Maria. Claudia. (org.). **Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro**. V.1. Florianópolis: Insular, 2012.
- .

# O jornalismo feminino no rádio brasileiro

**Juliana Gobbi Betti** – Doutorado

*Orientador:* Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch

**Palavras-chave:** jornalismo radiofônico; programas femininos; epistemologia feminista.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o jornalismo segmentado para o público feminino no rádio brasileiro. Objetiva analisar a construção discursiva sobre e para a mulher em tais produções, a partir de uma perspectiva teórica que entende o discurso radiofônico enquanto produto intelectual eletrônico (MEDITSCH, 2001) inserido na prática social (FAIRCLOUGH, 2008). Amparando-se em uma concepção pedagógica da informação jornalística no rádio (MEDITSCH, 2016, 2012, 2001; KAPLÚN, 1994, 1992), busca observar seu potencial emancipatório (FREIRE, 1985, 1982), como difusor de ideias e de conhecimentos que podem contribuir com o empoderamento da mulher brasileira, especialmente, como forma de ampliar as condições de exercício de sua cidadania. Por meio da revisão bibliográfica e documental, reconstrói a participação das mulheres na história do meio, abordando-a em suas diferentes dimensões (entre as quais estão: a produção, o produto e a audiência) e contextualizando-a no âmbito das lutas e avanços nos direitos sociais da mulher. Assume uma concepção epistemológica feminista (RODRIGUEZ, 2017; LEYVA MAESTRE, 2016; SOMOGYI, 2016; KOROL, 2007), que considera as interseccionalidades que influenciam a construção do discurso jornalístico sobre e para a mulher no rádio brasileiro. Para a análise dos programas, propõe desenvolver, inicialmente, uma pesquisa exploratória que possibilite conhecer o objeto empírico e delimitar o corpus de análise, bem como os procedimentos que poderão complementar a análise discursiva, considerando as características da linguagem jornalística do meio ao incluir aspectos referentes ao conteúdo dos programas e às especificidades sonoras. Esta etapa, na qual se encontra atualmente a pesquisa, inclui, além do levantamento e escuta das produções, entrevistas abertas com jornalistas que participam da produção dos programas e mulheres que integram a audiência.

## Referências

- BASPINEIRO, Adalid Contretas. Prólogo. In: AZURDUY, Carlos A. Camacho. **Las radios populares en la construcción de ciudadanía: enseñanzas de la experiencia de ERBOL**, en Bolivia. La Paz: UASB, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KAPLÚN, Mario. **A la educación por la comunicación:** la práctica de la comunicación educativa. Santiago: UNESCO/OREALC, 1992.

KAPLÚN, Mario. **Producción de Programas de Radio:** el guión – la realización. México, Editorial Cromocolor, 1994.

KOROL, Claudia (Comp.). **Hacia una pedagogía feminista:** géneros y educación popular. Buenos Aires: El Colectivo, América Libre, 2007.

LEYVA MAESTRE, Yailuma et al. **Mujeres en desarrollo.** Guía metodológica para la formación de competencias info-comunicativas para el emprendimiento femenino. La Habana : Editorial Universitaria, 2016.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação:** Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo. Florianópolis: Editora Insular/Editora da UFSC, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. Paulo Freire nas práticas emancipadoras da comunicação: ainda hoje, um método subutilizado no Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 13, p. 132-143, 2016.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir.** Florianópolis: Insular, 2012.

RODRIGUEZ, Montserrat Sagot (Coord.). **Feminismos, pensamiento crítico y propuestas alternativas en América.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2017.

SOMOGYI, Mariana. Las bases epistémicas de la concepción feminista de la ciudadanía. **Estudios Feministas**, v.24(1), p.31-43, 2016.

# ENSINO E MÉTODOS DE PESQUISA

**Experiências da África lusófona no ensino de Jornalismo**

Edwin dos Santos Carvalho

**O ensino de jornalismo científico na UFSC: por uma formação crítica**

Luiza Mylena Costa Silva

**Inovação e as mutações do telejornalismo: o desafio para o ensino**

Thiago Pedro Malkowski

**Etnografia como metodologia para os estudos de Newsmaking**

Lívia de Souza Vieira

# Experiências da África lusófona no ensino de Jornalismo

**Edwin dos Santos Carvalho – Doutorado**

*Orientador: Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch*

**Palavras-chave:** pedagogia do jornalismo; África lusófona; sistema de ensino.

Esta pesquisa nasce da indagação a respeito das bases epistemológicas que fundamentam uma Pedagogia do Jornalismo em regiões situadas à margem dos centros hegemônicos de produção de conhecimento acadêmico na área. Diante deste interesse, a tese em construção propõe como objeto de estudo as experiências da África lusófona no ensino de Jornalismo. O objetivo é analisar aspectos singulares na formação universitária dos jornalistas africanos de língua portuguesa, com atenção para estruturas curriculares, matrizes teóricas e práticas pedagógicas adotadas nos cursos de graduação de cada país.

Ao partir da compreensão de que o Jornalismo é uma forma de conhecimento, esta pesquisa concorda com Meditsch (1992) que é necessário revisar radicalmente a pedagogia de nossas escolas. Isto porque, durante muito tempo o saber jornalístico foi visto apenas como mais uma forma de comunicação, cujas marcas epistemológicas remetem a correntes teóricas norte-americanas ou anglo-saxãs, como pontua Medina (2008). Neste sentido, a tese irá buscar nas experiências da África lusófona novos olhares sobre o ensino de Jornalismo.

O objeto empírico são quatro cursos de Jornalismo ofertados em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique. Os países foram selecionados por serem os mais populosos de língua portuguesa na África e por oferecerem cursos regulares de graduação em Jornalismo. O *corpus* consiste no levantamento das legislações que regulamentam o ensino e das informações contidas nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC), além dos relatos de professores, alunos e coordenadores das instituições selecionadas acerca das práticas pedagógicas adotadas.

Os objetivos específicos são: apontar as principais características das estruturas curriculares dos cursos de Jornalismo identificadas em seus respectivos projetos pedagógicos; analisar as matrizes teóricas descritas nos Planos de Ensino e nas bibliografias básicas e complementares adotadas pelos professores nas disciplinas ofertadas por cada escola de Jornalismo e identificar experiências singulares de práticas pedagógicas que possam contribuir para o ensino de Jornalismo não somente no contexto do campo acadêmico africano lusófono, como também no contexto brasileiro.

É importante salientar que a noção de singularidade adotada por esta pesquisa é a mesma proposta pela teoria do sistema de ensino defendida por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (2013). Para os sociólogos franceses, o singular pode ser identificado em práticas

pedagógicas capazes de constituir um ambiente escolar de autonomia e criação. Embora o referencial teórico central da pesquisa sejam os estudos sobre Pedagogia do Jornalismo, a teoria sociológica do sistema de ensino dará fundamentação para análise das condições sociais, culturais e políticas da formação acadêmica em Jornalismo na África lusófona.

Para encontrar aspectos singulares na formação universitária oferecida pelas escolas dos quatro países a metodologia utilizada é o estudo de casos múltiplos, com observação participante das práticas pedagógicas e realização de entrevistas em profundidade com professores, coordenadores e alunos dos cursos selecionados. Após a identificação de todas as legislações, códigos deontológicos e outros documentos que sirvam de base para a regulamentação dos cursos nos quatro países escolhidos, serão definidas as escolas de Jornalismo que constituirão a análise. Em seguida, serão analisados os Planos de Ensino e as bibliografias básicas e complementares adotadas pelos professores nas disciplinas ofertadas pelos cursos, identificados nos projetos pedagógicos.

O levantamento empírico irá verificar como são aplicadas, na prática, as propostas didático-pedagógicas contidas nas estruturas curriculares presentes nos projetos pedagógicos. Em cada curso selecionado serão acompanhadas, durante trinta dias, experiências de ensino, pesquisa e extensão dos cursos de graduação selecionados, por meio da participação nas aulas, atividades laboratoriais e outras iniciativas em que forem identificados aspectos singulares na formação acadêmica dos jornalistas lusófonos africanos.

## Referências

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

# O ensino de jornalismo científico na UFSC: por uma formação crítica

***Luiza Mylena Costa Silva – Mestrado***

***Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Romero Paulino***

***Coorientador: Prof Dr Eduardo Barreto Vianna Meditsch***

**Palavras-chave:** jornalismo científico; formação jornalística; ciência, tecnologia e sociedade.

A divulgação científica, junto com o jornalismo científico, contribui para despertar o interesse público sobre assuntos relacionados à ciência e à tecnologia e auxiliar na construção de uma nova ordem entre a sociedade e estes conhecimentos. O jornalismo científico tem sua especificidade delimitada pelo seu público, notoriamente mais amplo, seus objetivos e interesses próprios da atividade jornalística.

Apesar das consequências e produtos do conhecimento científico e da tecnologia estarem mais perceptíveis aos cidadãos, persiste uma série de mitos envolvendo a ciência, especialmente, por influência do positivismo científico. No caso do jornalismo, Wilson Bueno (2012) propõe, como caminho a percorrer na superação deste problema, que o jornalista precisa dispor de competência técnica e teórica para identificar fontes, dominar a entrevista e gerenciar o contexto do trabalho científico. A chave para alcançar esta perspectiva crítica, defende Bueno, está nos cursos de graduação em jornalismo, que devem promover uma formação crítica aos jornalistas científicos, para que trabalhem com o objetivo de democratizar a ciência. Assim, o ensino superior tem potencialidades que podem ser exploradas nas práticas pedagógicas, aliadas às atividades de pesquisa e extensão, articulando teoria e prática, constituindo-se como campo de experiência para a práxis profissional. E é na relação entre teoria e prática que vislumbro uma possibilidade para superação às críticas sobre as visões mitificadas relacionadas ao jornalismo científico na atualidade.

Na busca pelo aperfeiçoamento da prática jornalística, Meditsch (1992) propõe que, diante das dificuldades laborais, deve-se recorrer sempre à teoria e esta relação deve proporcionar uma reflexão crítica sobre a realidade de atuação do jornalista, para, assim, voltar-se à prática do mesmo, com elementos que o permitam transformar, não só a prática, mas o contexto a ela associado. Desta maneira, a formação para o jornalismo, e não apenas o jornalismo científico, precisa se revelar como ação social crítica e transformadora, para que os jornalistas, conscientes de sua função social e democratizadora, produzam materiais jornalísticos que ultrapassem o nível da descrição, das pesquisas científicas e tecnológicas, e contribuam para uma compreensão acerca das intencionalidades e os contextos em que tais práticas se inserem.

Tendo em vista todo o contexto apresentado anteriormente, esta pesquisa busca responder a **questão**: como o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) compreende o jornalismo científico e de que maneira se mobiliza na formação para a especialização? O contexto de análise se dá a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de jornalismo, de 2013.

Para responder a questão proposta, a pesquisa tem três **objetivos**: (1) identificar nas diretrizes documentais internas do curso as concepções de ciência, jornalismo científico e ensino; (2) mapear os possíveis espaços formativos em que se dá o ensino do jornalismo científico e analisá-los curricularmente; e (3) identificar e analisar a compreensão da ordenação do curso e dos professores sobre o jornalismo científico e suas implicações na formação dos jornalistas.

Os procedimentos metodológicos são organizados em duas etapas, a primeira é formada pela coleta e levantamento de dados e a segunda composta pela análise dos dados obtidos. O **método** adotado é o estudo de caso, em que utilizo a análise documental e entrevistas semi-estruturadas reflexivas com o corpo docente e coordenação do curso para coleta de dados. Analiso o Projeto Político Pedagógico de 2015, para a identificação nas diretrizes documentais internas do curso as compreensões de ciência, jornalismo científico e ensino. O objetivo é juntar peças que constituem a formação do estudante para identificar como o jornalismo científico é compreendido tanto na teoria, nos documentos, quanto na prática, com os profissionais do curso.

Ao final da análise dos dados, considerando os conceitos inicialmente apresentados de ciência e jornalismo científico com a perspectiva do ensino crítico, espero ser possível propor encaminhamentos que possibilitem uma formação crítica dos estudantes de jornalismo.

## Referências

BUENO, Wilson. A formação do jornalista científico deve incorporar uma perspectiva crítica. **Diálogos & Ciência**. Ano 10, n. 29, mar. 2012.

MEDITSCH, Eduardo. **O Conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992

# Inovação e as Mutações do Telejornalismo: o desafio para o ensino

**Thiago Pedro Malkowski – Mestrado**

**Orientador:** Prof. Dr. Antônio Brasil

**Coorientador:** Prof. Dr. Paulo Eduardo Cajazeira

**Palavras-chave:** telejornalismo; inovação; ensino.

Os conceitos de inovação são inúmeros, muitos pesquisadores e estudiosos se debruçam sobre o tema para encontrar uma definição precisa e cabível a todas as áreas do conhecimento, porém as tentativas resultam em definições e conceitos particulares para cada área ou situação. Neste trabalho levamos em consideração a colaboração de Elias Machado ao definir inovação no jornalismo como sendo:

toda a mudança nas técnicas, tecnologias, processos, linguagens, formatos, equipes, dispositivos e aplicações, valores ou modelos de negócios destinados a dinamizar e potencializar a produção e consumo das informações jornalísticas (MACHADO, 2010. p.67).

Nos últimos anos vivenciamos transformações tecnológicas que ocorrem de maneira ininterrupta e em velocidade acelerada, por vezes parecendo estar sob progressão geométrica. Da mesma maneira, o conceito de inovação talvez nunca esteve tão presente em nossas vidas quanto na última década, pelo menos não nesta quantidade, volume, que nos é apresentada. Leopoldseder (1999), ao apresentar os reflexos causados pela utilização do computador na cultura e na sociedade, já expressava que “desenvolvimentos técnicos sempre ocorreram. O que é novo agora é a rápida sucessão de seus saltos quânticos”(p.68).

É no campo da inovação que esta pesquisa percorre, com enfoque nas inovações ligadas à produção de imagens no telejornalismo, para compreender as mudanças nos processos de produção da informação visual e verificar se estas mudanças podem ser acompanhadas pelas universidades através do ensino. Para tal, foi realizada uma pesquisa através de observação participante em dois telejornais distintos: o RIC Notícias, da RIC TV Santa Catarina, e o TJUFSC, Telejornal Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina.

Estudos mostram que as inovações realizadas no telejornalismo na qual o resultado é visual, são mais factíveis de serem percebidas (BRASIL; EMERIM, 2011; TOURINHO, 2009). Tourinho, para uma melhor análise do tema, diferencia a inovação em dois tipos: inovações tecnológicas e inovações não tecnológicas. As inovações tecnológicas seriam as ligadas a equipamentos como câmeras, satélites, computadores, microfones, etc. Já as inovações não tecnológicas correspondem à criatividade, inteligência e aos processos.

A televisão não é mais exclusividade da TV, a televisão também está em quase tudo que tenha acesso à internet e essa inovação altera por completo a realidade do telejornalismo e principalmente a rotina dos jornalistas que atuam nele.

O processo de produção do telejornalismo está em transformação e entendemos que cabe à academia adaptar-se a nova realidade que é criada e recriada a cada dia por consequência das inovações. Neste trabalho apresentamos algumas propostas de atividades que já estão em prática e que acreditamos ser possibilidades de ampliar a qualidade do ensino em telejornalismo e inovar de dentro para fora. Ou seja, as universidades, por maiores que sejam suas limitações físicas e financeiras, podem ser referências para empresas privadas em relação a inovações e dessa forma, aumentar a qualidade do telejornalismo e do ensino de suas práticas.

## Referências

BRASIL, Antonio; EMERIM, Cárlica. **Por um modelo de análise para os telejornais universitários**. Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teórico metodológicos, 2011.

LEOPOLDSEDER, Hannes. **Ten indications of an emerging computer culture**. In: DRUCKREY, T (ed.) *Ars Eletronica: Facing the future. A survey os two decades*. Cambridge. Mit Press, 1999, p.67-68.

MACHADO, Elias. **Creatividad e innovación en el periodismo digital**. Anais do Congresso In-ternacional de Ciberperiodismo y Web 2.0, 2, 2010, Bilbao. Bilbao: Universidad del País Basco, 2010. p. 64-72.

TOURINHO, Carlos Alberto Moreira. **Inovação no Telejornalismo**: O que você vai ver a seguir. Vitória: EspaçoLivros, 2009. 306p.

# Etnografia como metodologia para os estudos de Newsmaking

*Lívia de Souza Vieira – Mestrado*

*Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofolletti*

**Palavras-chave:** etnografia, newsmaking, jornalismo, crítica de mídia, teoria ator-rede.

A presente reflexão integra a parte teórica de minha tese de doutorado, que analisa a influência das métricas editoriais na produção do jornalismo online, enfatizando aspectos éticos e transformações na cultura profissional.

A abordagem teórica do Newsmaking, focada na produção jornalística, apresenta desafios que impactam diretamente as pesquisas em jornalismo: dificuldade de entrar nas redações, tensão nas entrevistas com jornalistas, efetividade no relato do trabalho de campo. Talvez por isso, grande parte dos estudos se detêm à análise do produto, em especial quando se direcionam à análise da mídia.

Por outro lado, conhecer as etapas que antecedem o produto final, procurando mapear as controvérsias, pode ser bastante oportuno para as teorias desse campo. Assim, defendo e proponho a utilização da etnografia, segundo as bases da Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour (2012), como uma abordagem teórico-metodológica possível para os estudos de Newsmaking.

Entre os obstáculos para o uso da etnografia nas pesquisas em jornalismo está a dificuldade para entrar nas redações. Nem sempre os veículos jornalísticos são receptivos a pesquisadores que se propõem a fazer observações, entrevistas, a ficar um tempo acompanhando suas rotinas de produção. Isso nos leva a um outro obstáculo: o tempo. Quando permitem a entrada do pesquisador, normalmente não é por muito tempo. Em minha pesquisa de campo no doutorado, negocie durante meses a entrada nas redações da BBC e do The Guardian, em Londres. Em princípio, pedi uma semana de observação e entrevistas, mas em ambos os veículos acabei conseguindo apenas dois dias. Vejo que isso se repete com outros colegas pesquisadores e que não é exclusividade das redações de veículos tradicionais.

O curto tempo de observação faz com que os pesquisadores de jornalismo tenham medo de falar que fizeram uma etnografia. Usa-se termos como ‘experiência etnográfica’, ‘inspiração etnográfica’, ‘olhar etnográfico’. Nesse sentido, meu esforço teórico tem sido pensar que, a partir dessas dificuldades, qual seria a etnografia possível dentro do jornalismo. Parece-me importante pensar em suas especificidades e limitações, e uma delas talvez seja exatamente o tempo: a etnografia nas redações não se estenderá por um longo período. Sendo assim, ainda podemos chamar de etnografia? Se não, como chamamos?

Sendo breve, a técnica mais utilizada acaba sendo a de entrevistas com jornalistas, que também tem suas particularidades. O trabalho do professor Fábio Pereira (2013) nos ajuda bastante a entender isso, pois não estamos falando de qualquer tipo de entrevistas. Trata-se de entrevistas feitas com quem tem por rotina entrevistar. Ou seja, o entrevistado domina a técnica utilizada pelo pesquisador e, por isso, pode tirar proveito dela a seu favor. Assim, o professor Fábio Pereira argumenta que não devemos tratar as entrevistas com jornalistas apenas como dados, mas sim como um diálogo entre agentes, já que o pesquisador é também jornalista, também conhecedor das rotinas da profissão.

Outra questão muito importante trazida pela Teoria Ator-Rede é observar a agência dos objetos técnicos. Pode perceber, por exemplo, que o software de métricas do The Guardian, o Ophan, é mediador em diversos momentos, e não apenas um intermediário do qual se apropriam os jornalistas. Esse software pioneiro, que foi desenvolvido por eles, tem relação direta com a cultura daquela redação. Ele tem agência. Não é só o indivíduo que age. Quando começava a falar com os jornalistas, todos eles me perguntavam: você já acessou a Ophan? Já viu como ela funciona? E começavam a falar sobre a ferramenta e sobre como ela se relacionava com suas rotinas.

Por último, um dos momentos mais importantes para Latour é o relato etnográfico, o texto. Latour não fala de jornalismo, mas ele se aproxima muito quando dá atenção especial à palavra. Nesse momento, ele enfatiza a descrição, que seria muito mais efetiva do que qualquer explicação ou generalização que o pesquisador possa dar. É na descrição, é no relato das controvérsias observadas que se faz a pesquisa.

Dessa forma, um de meus esforços têm sido estruturar uma espécie de programa metodológico para pesquisas em redações jornalísticas, a partir da Teoria Ator-Rede. E penso que a Antropologia, por ter um grande lastro teórico-metodológico, pode ser bastante útil para os jornalistas-pesquisadores.

## Referências

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA.

PEREIRA, Fábio; NEVES, Laura. **A entrevista de pesquisa com jornalistas**: algumas estratégias metodológicas. In: Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n.29, p. 35-50, dez. 2013.

# RELAÇÕES, DE PODER E ESPAÇO PÚBLICO

**Potencialidades e limites do jornalismo contra-hegemônico na cobertura do cotidiano no espaço urbano**

Míriam Santini de Abreu

**Estratégias da assessoria da Samarco na construção do discurso do Jornal Nacional sobre o desastre no rio Doce**

Luis Gustavo Varela

**A Voz do Brasil entre o jornalismo público e a comunicação institucional**

Luciana Paula Bonetti Silva

**Oliveira Lima e o jornalismo como moeda de troceno pós-República**

Maurício de Lima Oliveira

**Profissionais do jornalismo: apontamentos sobre o mercado de trabalho formal no Brasil**

Janara Nicoletti

# Potencialidades e limites do jornalismo contra-hegemônico na cobertura do cotidiano no espaço urbano

**Míriam Santini de Abreu – Doutorado**

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gislene Silva

**Palavras-chave:** jornalismo; cotidiano; contra-hegemonia, Genro Filho; Henri Lefebvre.

O espaço urbano é o suporte e o campo de ação privilegiado da miséria e da potência criativa da vida cotidiana. Nele, fenômenos complexos de dominação e de resistência produzem ininterruptamente fatos que, analisados a partir do senso comum ou, cientificamente, por diferentes matrizes disciplinares, procuram dar conta da interpretação da realidade social. A pesquisa toma o jornalismo como campo capaz de também produzir conhecimento a partir da mediação, em diferentes gêneros, formatos e suportes, dos fenômenos imediatos vividos no cotidiano, buscando inseri-los em uma totalidade.

As mediações do jornalismo contra-hegemônico sobre os fenômenos do cotidiano no espaço urbano constituem o objeto de estudo da pesquisa, que adota a teoria marxista do jornalismo de A. Genro Filho e os conceitos de cotidiano e espaço urbano de H. Lefebvre. O objeto empírico engloba o jornal *Diário Catarinense*, o *Jornal das Comunidades*, a revista *Pobres & Nojentas*, o *Portal Desacato* e o *Coletivo Maruim*, todos de Florianópolis (SC). O exame das manifestações da ideologia e da alienação urbana na mídia hegemônica utiliza as categorias de ideologia em K. Marx e F. Engels e de alienação urbana em Sánchez-Casas.

Os limites e potencialidades do jornalismo contra-hegemônico são investigados com base na tríade conceitual de espaço percebido, espaço concebido e espaço vivido, de H. Lefebvre. A vida cotidiana, na perspectiva de Lefebvre, é um produto histórico e social. Mesmo os acontecimentos mais triviais aparecem sob um duplo aspecto: 1) fatos pequenos, individuais, acidentais; 2) fatos sociais infinitamente complexos e mais ricos que as essências múltiplas que contêm e encobrem.

Essa dupla perspectiva relaciona-se com a produção do espaço que, para o autor, envolve três níveis do real: o percebido, o concebido e o vivido, articulados, respectivamente, às práticas espaciais, às representações do espaço e aos espaços de representação. A concepção tríade de Lefebvre abarca o conflito social pela apropriação do espaço urbano, onde o homem, no espaço vivido, busca subverter e reinventar o cotidiano. A hipótese é a de que o jornalismo, ao noticiar os fenômenos do cotidiano, pode desvelar a ideologia e alienação que os mascaram ao compreender o espaço urbano em sua totalidade.

# Referências

- GENRO FILHO, Adelmo. **Marxismo, filosofia profana**. Porto Alegre, Tchê, 1986.
- \_\_\_\_\_. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo, Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. Crítica de la vida cotidiana. **Obras de Henri Lefebvre** (Posteriores a 1958). Buenos Aires: A. Peña Lillo, 1967.
- \_\_\_\_\_. **La presencia y la ausencia** – contribucion a la teoria de las representaciones. México: Fundo de Cultura Económica. 1983.
- \_\_\_\_\_. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991a.
- \_\_\_\_\_. **La producción del espacio**. Espanha: Capitán Swing, 2013.
- MARX, K.; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stimer, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. 1845-1846. São Paulo: Boitempo, 2007.
- SÁNCHEZ-CASAS PADILLA, Carlos. **La construcción del espacio social**. Madrid: Editorial Eusya, 1987.

# Estratégias da assessoria da Samarco na construção do discurso do Jornal Nacional sobre o desastre no rio Doce

**Luis Gustavo Varela – Mestrado**

*Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli*

**Palavras-chave:** barragens; Jornal Nacional; discurso.

No dia 5 de novembro de 2015, a barragem de contenção dos rejeitos rompeu no complexo da Samarco Mineração, no subdistrito de Bento Rodrigues, em Mariana (MG). A ruptura esvaziou o volume estimado de 40 bilhões de litros de rejeitos do processamento da mineração no ecossistema do rio Doce. Os sedimentos eclodiram em direção à comunidade de Bento Rodrigues, distante a quatro quilômetros da Unidade, tirando a vida de 18 pessoas. O impacto trouxe danos estruturais e permanentes a 1,2 milhão pessoas que habitam o curso do rio Doce.

Para a pesquisa, este fenômeno está inscrito na abordagem e concepção de acontecimento jornalístico e classificado em uma construção social do desastre, descartada, por isso, sua justificativa accidental. Alcançando ampla repercussão na mídia, agendada pela dimensão e comoção pública.

Assim, relacionamos essa ocorrência como um evento representativo dos inúmeros desastres que ocorrem em processos da mineração, principalmente aqueles que envolvem a contenção por barramento. A atividade de uma mineradora produz mais rejeitos do que todas as cidades do mundo juntas em um ano. O problema de gestão e produção desses resíduos é confirmada no estudo desenvolvido pela Bowker Associates<sup>1</sup> que registrou um total de 129 eventos graves com barragens – de 269 conhecidos –, de 1915 a 2015, e projeta, em média, um acidente grave por ano no período de uma década. (Cf. Valor Econômico, 2017<sup>2</sup>; LINDSAY NEW LAND BOWKER, 2015<sup>3</sup>).

Considera-se o contexto da inserção do país em um cenário mineral e que as áreas exploradas inserem as comunidades do entorno em zonas de risco. Esse conflito ambiental causado pela exploração mineral mobilizou atores dentro da esfera de visibilidade pública mediada pelo jornalismo. O Jornal Nacional é a vitrine do jornalismo brasileiro e foi um dos principais veículos que cobriu o acontecimento e promoveu discursos, agenciando as vozes

1 Bowker Associates, Science & Research In The Public Interest. Consultoria de gestão de riscos relativos à construção pesada, nos Estados Unidos.

2 Joe Cucuzza, em entrevista ao Jornal Valor Econômico. Marco de disputa, Especial Mineração. 26 de setembro de 2017, p. F5.

3 Samarco dam failure largest by far in recorded history. 12 de dezembro, 2015.

envolvidas.

Considera-se que o projeto da dissertação tem uma árdua missão, pois está abordando a potência da Samarco Mineração e sua investidora em comunicação organizacional, o principal telejornal do Brasil e o maior desastre da mineração na América Latina que deixa vítimas que ainda convivem com os impactos irreversíveis.

O problema de pesquisa questiona se e como a comunicação organizacional da Samarco Mineração S.A. pode ter afetado na construção do discurso do acontecimento jornalístico no Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Desta maneira, o objetivo geral é demonstrar se e como as estratégias comunicacionais da empresa Samarco Mineração S.A. afetaram o discurso sobre a construção do acontecimento jornalístico no caso do vazamento de lama em Bento Rodrigues (Mariana, MG) e no rio Doce que se fez notícia no Jornal Nacional. Os objetivos específicos se desdobram em i) Contextualizar o acontecimento socioambiental; o histórico da exploração mineral no Brasil e a relação das minas com a comunicação; ii) Revisar a literatura sobre acontecimento e enquadramento jornalístico, comunicação pública e organizacional, telejornalismo e análise crítica do discurso; e iii) Analisar a textualidade os releases divulgados pela Samarco Mineração e as matérias do Jornal Nacional que trataram do caso, comparando e analisando os dois discursos.

Integram o objeto empírico os *releases* da assessoria de comunicação organizacional da empresa e as peças telejornalísticas do Jornal Nacional após o rompimento da barragem de Fundão em Mariana (MG), no mês de novembro de 2015. Para formar o corpus, foram fixados seis marcadores principais. Essas seis delimitações geraram em média 40 matérias produzidas pelo Jornal Nacional e 30 releases que serão estudados seguindo a proposta da análise crítica de discurso (ADC), proposta por Fairclough (2010).

Mobilizam-se para essa discussão quadros teóricos que abarcam conceitos como acontecimento (ANTUNES et al, 2011) e enquadramento jornalístico (MAIA, 2009), comunicação pública (WEBER, 2007; 2017) e organizacional (ANDREASEN, 2001; ROLANDO, 2010; GONÇALVES, 2016; TANNURE, 2010), telejornalismo (BOURDIEU, 1997; EMERIM, 2012; PASCHOALICK, 2016), estética (SILVA et al, 2012; RANCIÈRE, 2015; BENETTI et al, 2010) e discurso (FAIRCLOUGH, 2010; CHARAUDEAU, 2012). A pesquisa aponta, parcialmente, que os enunciados do Jornal Nacional se formam para o que provisoriamente classifica-se como “discursos estabilizados”, assumindo um caráter de regularidade ao discurso da companhia.

## Referências

EMERIM, Cárilda. **As entrevistas na notícia de televisão**. Florianópolis: Insular, 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

MAIA, Rousiley C. M. Atores da sociedade civil e ação coletiva: Relações com a comunicação de massa. In: **Lua Nova**, São Paulo, 76: 87-118, 2009.

# ***A Voz do Brasil* entre o jornalismo público e a comunicação institucional**

***Luciana Paula Bonetti Silva – Mestrado***

***Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valci Regina Mousquer Zuculoto***

**Palavras-chave:** jornalismo público; A Voz do Brasil; radiojornalismo.

O objeto desta pesquisa é o conteúdo informativo veiculado no programa *A Voz do Brasil* pelo Poder Executivo, entre 1985 e 2017. O objetivo geral é verificar se este conteúdo é coerente com as linhas editoriais que foram estabelecidas ao longo deste período, marcadamente de cunho jornalístico, ou se foi produzido um conteúdo mais afinado com os pressupostos da comunicação institucional. Como objetivos específicos se propõe realizar pesquisa documental e histórica sobre a trajetória do radiojornalismo público em nosso país e sobre a biografia do programa *A Voz do Brasil*; e, ainda, investigar se e como a reabertura política e os governos democráticos impactaram no conteúdo informativo do programa. Para este último objetivo, analisa-se edições de cada governo do período estudado, partindo dos conceitos jornalismo público (ROSEN, 2003; ROTHBERG, 2011) e comunicação institucional (WEBER, 2009). A principal metodologia de pesquisa é a análise de conteúdo (BARDIN, 2009), tomando como categorias: equilíbrio, contraditório, objetividade, pluralidade, presença de notícias negativas, participação do público e, principalmente, contextualização aprofundada e didática. No primeiro capítulo, apresenta-se, então, um panorama das empresas públicas e estatais e a sua produção radiojornalística, com foco no histórico da produção radiojornalística pública no Brasil e suas características. Além de reunirmos marcos históricos, conceituais da legislação e da programação jornalística do rádio público em nosso país, entendemos que a biografia dos intelectuais da radiodifusão pública ajuda a compreendê-la ainda mais. Para tal, dedicamo-nos à experiência pioneira de Edgar Roquette-Pinto, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, comparando-a com a de John Reith, pioneiro da British Broadcast Company (BBC) de Londres, e com a experiência contemporânea de Eugênio Bucci, ex-presidente da Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás). No segundo capítulo, *A Voz do Brasil: uma trajetória histórica*, buscamos expor a relação entre propaganda e regimes de exceção, da criação do programa no Estado Novo até o golpe de 1964 e a relação entre o conteúdo informativo e a redemocratização na Voz, a partir de 1985, seguindo os passos do estudo de Perosa (1995), *A Hora do Clique: análise do programa de rádio Voz do Brasil da Velha à Nova República*. Para tal, debruçamo-nos sobre a biografia do programa, narrando suas principais transformações e a relação delas com o contexto sócio-político e econômico do país, com foco no fenômeno do populismo e na emergência de discursos acerca da cidadania na República Nova. Por fim, no terceiro e último capítulo, analisamos o conteúdo noticioso de cerca de 30 edições de *A Voz do Brasil*, veiculadas em momentos de crise dos Governos, entre 1985 a 2017. Apresentamos a discussão teórica que baseou a demarcação dos

conceitos e categorias utilizadas na análise de conteúdo (BARDIN, 2009), são eles os conceitos de jornalismo público (ROSEN, 2003; ROTHBERG, 2011) e Comunicação institucional (WEBER, 2011), e as categorias já mencionadas. Assim, apresenta-se uma análise comparativa das edições, pontuando mudanças e permanências na natureza do conteúdo informativo apresentado por *A Voz do Brasil*.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Somente a verdade**: manual de jornalismo da EBC. Brasília, 2013, 144p.

NUCCI, Celso. **Manual de Jornalismo da Radiobrás**. Brasília. Editora Radiobrás, 2006.

PEROSA, L. M. F. De L. **A Hora do Clique**: análise do programa de rádio Voz do Brasil da Velha à Nova República. São Paulo: Annablume: ECA-USP. 1995.

ROSEN, Jay. **Getting the connections right**: Public Journalism and troubles in the press. Twentieth Century Foundation, 1996, 100p.

\_\_\_\_\_ **Tornar a vida pública mais pública**: Sobre a responsabilidade política dos intelectuais dos media. In: TRAQUINA, N.; MESQUITA, M. *Jornalismo Cívico*. Lisboa. Livros Horizonte, 2003a

\_\_\_\_\_ **Para além da objetividade**. In: TRAQUINA, N.; MESQUITA, M. *Jornalismo Cívico*. Lisboa. Livros Horizonte, 2003b

ROTHBERG. Danilo. **Jornalismo público**: informação, cidadania e televisão. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WEBER, Maria Helena. Comunicação Organizacional, a síntese. *Relações Públicas, a gestão estratégica*. **Organicom**. São Paulo, Ano 6, Números 10/11, pp 71-75. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/departam/crp/cursos/posgrad/gestcorp/organicom/re\\_vista1\\_0-11/70.pdf](http://www.eca.usp.br/departam/crp/cursos/posgrad/gestcorp/organicom/re_vista1_0-11/70.pdf)

# Oliveira Lima e o jornalismo como moeda de troca no pós-República

**Maurício de Lima Oliveira – Doutorado**

*Orientador: Prof. Dr. Mauro César Silveira*

**Palavras-chave:** jornalismo, história da imprensa, pós-república, Oliveira Lima.

O exercício do jornalismo acompanhou toda a trajetória profissional do diplomata e historiador pernambucano Manuel de Oliveira Lima (1867-1928). Em 1882, com apenas 15 anos, ele fundou, em Lisboa, para onde havia se mudado com os pais, o *Correio do Brasil*, jornal que tratava de assuntos brasileiros. Em 1926, aos 59 anos, já no final da vida, foi o representante brasileiro no I Congresso Panamericano de Jornalismo, realizado em Washington. Durante as mais de quatro décadas que separam esses dois momentos, Oliveira Lima conciliou as atividades de diplomata com colaborações regulares a veículos de imprensa, escrevendo quase sempre sobre assuntos ligados à política, diplomacia, história e identidade brasileiras – mesmo quando a temática do texto estava inicialmente relacionada a outro país, ele se empenhava em fazer algum tipo de comparação com o Brasil.

A pesquisa se propôs a investigar como o espaço que Oliveira Lima tinha na imprensa e as relações contruídas a partir dessa atividade foram utilizadas por ele em benefício próprio. A análise de correspondências encontradas no acervo da Oliveira Lima Library, pertencente à Universidade Católica de Washington, forneceu uma série de subsídios no sentido de comprovar a premissa. O ingresso de Oliveira Lima na carreira diplomática, por exemplo, foi consequência direta da defesa que ele fez em Portugal do então recém-instaurado regime republicano brasileiro – ao se candidatar ao primeiro emprego como diplomata, ele “comprovou” o apoio com artigos que escreveu a respeito.

Já nos tempos do *Correio do Brasil*, o jornal que fundou na adolescência em Portugal, Oliveira Lima percebeu que o jornalismo seria um caminho para construir relacionamentos – foi ao fazer um perfil de Joaquim Nabuco (1849-1910) para essa publicação que ele se aproximou do também diplomata e historiador pernambucano, por exemplo. Missivista compulsivo, que não deixava carta sem resposta e utilizava pelo menos duas horas por dia nessa atividade, Oliveira Lima cultivava relações à distância com os principais intelectuais brasileiros de sua época – que se concentravam na capital, Rio de Janeiro, onde ele nunca morou. Dessa forma, fazia-se presente e construiu uma reputação fortemente apoiada nesses relacionamentos pessoais. Os temas e os enquadramentos de seus artigos, antes ou depois da publicação, eram frequentemente discutidos nas correspondências, o que funcionava como reforço das afinidades com os interlocutores.

A relação que melhor ilustra o que se pretende demonstrar é a que Oliveira Lima estabeleceu com o crítico José Veríssimo (1857-1916). Veríssimo dirigiu a Revista Brasileira no período entre 1895 e 1899, em que a publicação se tornou o ponto de convergência da geração que fundou a Academia Brasileira de Letras, em 1897. Oliveira Lima foi um dos colaboradores mais frequentes da publicação nesse período, o que contribuiu decisivamente para modificar seu status, passando de autor com apenas um livro publicado, sobre a história de Pernambuco, para um dos 40 membros fundadores da Academia. Na construção da imagem de um dos principais intelectuais do país, Oliveira Lima contou com muitos elogios na Revista e “carta branca” de Veríssimo para tratar de qualquer assunto na publicação, da forma como bem entendesse, pois havia a seu favor a inabalável tolerância do editor, crítico que em muitos outros casos era extremamente rigoroso. As correspondências entre os dois revelam uma relação de amizade e, mais do que isso, de certa submissão por parte de Veríssimo – o que pode se explicar, em grande parte, por outro documento encontrado no acervo da Oliveira Lima Library: um recibo dando conta de que Oliveira Lima era sócio investidor da publicação, dono de cotas da sociedade criada por Veríssimo para viabilizá-la e mantê-la.

A investigação de como Oliveira Lima utilizou o jornalismo para construir relações e obter vantagens pessoais no período entre 1895 e 1900, em que se concentra esta pesquisa, joga luzes sobre mecanismos que levaram o jornalismo a ser muitas vezes tratado como moeda de troca no final do Século XIX – momento em que, logo após a Proclamação da República, a estrutura de poder estava sendo totalmente reformulada no Brasil, fazendo com que tanto políticos quanto intelectuais buscassem se reacomodar nesse novo cenário.

## Referências

GROTH, Otto. **O Poder Cultural Desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. **Memórias (Estas Minhas Reminiscências...)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

# Profissionais do jornalismo: apontamentos sobre o mercado de trabalho formal no Brasil

**Janara Nicoletti – Doutorado**

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valci Regina Mousquer Zuculoto*

*Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade*

**Palavras-chave:** mercado de trabalho formal; jornalistas brasileiros; precarização.

O mercado de trabalho dos jornalistas brasileiros é marcado por uma forte presença de informalidade e contratações com diferentes tipos de vínculos, muitos deles precários, como autônomo, freelancer, Pessoa Jurídica (HELOANI, 2003; FIGARO, 2013; MICK, 2013; LIMA, 2015; SILVA, 2011; OLIVEIRA, 2005). Até mesmo entre aqueles que possuem vínculos formais de contratação por meio da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), os registros empregatícios muitas vezes não respeitam a legislação específica para os Jornalistas Profissionais (Brasília, 1943): para burlar a carga horária, contratar jornalistas em regimes que não exigem o piso salarial da categoria etc., muitas empresas registram seus funcionários em ocupações pertencentes a outras famílias profissionais, como editores e locutores. Desta forma, são estipuladas jornadas superiores ao determinado para a categoria sem uma remuneração compatível.

Diante destas discrepâncias do mercado formal julga-se importante analisar os dados oficiais disponibilizados na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Estas informações ajudam na fundamentação da pesquisa de doutoramento, com título provisório “Mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas: reflexos sobre a produção da informação”.

Ao observar os dados da família Profissionais do Jornalismo constata-se que, mesmo em condições consideradas legais há evidências de um processo crescente de desvalorização destes trabalhadores. Entre 2005 e 2015, a população subiu 47,45%, de 31.073 para 45.818 trabalhadores com vínculos formais. Já a remuneração média real não acompanhou esta evolução. Se observar somente os valores nominais, chega-se a um crescimento de 95%, mas para saber se realmente houve ganho real absoluto no poder aquisitivo é preciso descontar a inflação do período. Neste caso, houve um incremento real de apenas 11,20%, ou seja, R\$ 491,18 “em uma década, o que representa menos de R\$ 25 por ano” (NICOLETTI; THIBES, 2017, p. 11).

Ainda considerando jornada e remuneração, percebe-se uma evidente disparidade por gênero. Apesar de as mulheres sempre serem maioria, em toda a série histórica elas recebem menos do que os homens. Em 2005 as trabalhadoras ganhavam em média 24,09% menos do

que eles. Ocorreu um movimento de equiparação salarial, mas ainda há defasagem. Em 2015, a desigualdade era de 8,21%. Outro indicador observado é a jornada de trabalho contratada, em que elas são maioria nas faixas maiores (acima das 36 horas semanais).

Percebe-se que existe um crescente quadro de desvalorização dos Profissionais do Jornalismo e, dentro desta família, há uma desigualdade entre gêneros. Condição que leva as mulheres trabalhadoras do Jornalismo a desenvolverem suas atividades em uma situação de maior vulnerabilidade financeira quando comparada a média salarial com a dos homens e o quantitativo de horas trabalhadas. Para Heloani (2003), o salário justo é um dos fatores que interferem na satisfação no trabalho e na qualidade de vida, pois impacta diretamente na subsistência, formação e lazer.

## Referências

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)**: Decreto-lei nº 5.452. Brasília: 1943. Disponível em: <https://goo.gl/cxHjb>. Acesso em 30/10/17.

FIGARO, Roseli (Org.). **As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas**. São Paulo: SALTA/ATLAS, 2013.

HELOANI, José Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista**. Relatório de pesquisa nº 12/2003. EAESP/FGV/NPP: São Paulo, 2003.

MICK, Jacques. **A precarização e o trabalho dos jornalistas brasileiros**. In.: 11º encontro nacional de pesquisadores em jornalismo SBPJor, 2013, Brasília.

MICK; Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

NICOLETTI, Janara; THIBES, André. **Evolução salarial dos jornalistas de 2005 a 2015: Indicativos de precarização do trabalho**. In.: Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo: 2017. Disponível em: <https://goo.gl/wfMtv9>. Acesso em: 30/10/17.

OLIVEIRA, Michelle Roxo. **Profissão jornalista: um estudo sobre representações sociais, identidade profissional e as condições de produção da notícia**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Unesp. Bauru: 2005. Disponível em: <https://goo.gl/r6qzJg>. Acesso em: 30/07/2016.

SILVA, Camila Rodrigues da. **Operário Multimídia: Mudanças no mundo do trabalho nos jornais diários brasileiros**. 2011. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

# TRANSFORMAÇÕES, EM PRÁTICAS E PRODUTOS JORNALÍSTICOS

**Análise das sentenças judiciais referentes a matérias jornalísticas em Santa Catarina entre 2009 e 2017**

Caetano Machado

**Adaptações na programação radiojornalística brasileira e a migração do AM para o FM**

Karina Woehl de Farias

**Notícias autodestrutivas: a produção de conteúdo jornalístico na pós-modernidade**

Ingrid Pereira de Assis

**Entre o prosumer e o gatekeeper: modelos de apropriação na produção da notícia no telejornalismo**

Luciana Carvalho

**Crítérios de noticiabilidade para uso de conteúdos produzidos por agências noticiosas**

Siliana Dalla Costa

**Algoritmos e a influência na circulação de informações jornalísticas**

Kérley Winqes

# Análise das sentenças judiciais referentes a matérias jornalísticas em Santa Catarina entre 2009 e 2017

**Caetano Machado – Mestrado**

*Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli*

**Palavras-chave:** liberdade de expressão, liberdade de imprensa, interesse público.

Nos últimos sete anos, mais de 500 processos solicitando indenização por danos morais envolvendo empresas de comunicação e jornalistas foram julgados por órgãos colegiados do Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJ). Outros tantos seguem tramitando na primeira e segunda instância. Em boa parte deles, haverá condenação do trabalho jornalístico em algum nível.

As ações em questão buscam reparação pela veiculação de um produto jornalístico, e argumentam, em síntese, que houve dano a um ou mais direitos fundamentais (a honra, imagem, vida privada ou intimidade) assegurados pela Constituição Federal. De outro modo, a defesa de veículos e jornalistas alicerça-se em outro direito constitucional, a liberdade de expressão.

Em choques desta natureza, o Poder Judiciário é acionado para ponderar qual direito deve prevalecer. Assim, há um julgamento sobre o teor de um produto jornalístico, para atestar se este violou direitos e provocou um abalo digno de ressarcimento financeiro. Por isso, processos judiciais do gênero podem representar uma ameaça e constrangimentos à saúde financeira de uma empresa jornalística e à livre circulação de informações jornalísticas.

Com a queda da Lei de Imprensa em 2009, a Constituição é o principal dispositivo regulador deste tipo de processo e o que baliza as sentenças judiciais. Estas revelam a compreensão dos responsáveis pelo Poder Judiciário sobre o produto jornalístico: são interpretados pelos juízes e deles pode sair um aval ou uma condenação.

Esta dissertação, vinculada à Linha 1 - Jornalismo, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, pretende investigar sentenças de ações de danos morais do Tribunal de Justiça de Santa Catarina envolvendo jornalismo entre 2010 e 2017. O trabalho se inscreve numa interseção entre os campos do jornalismo e do direito, partindo do choque interpretativo de direitos constitucionais feitos por categorias profissionais distintas, delineando sentidos, conceitos e situações que impactam e permeiam a deontologia e, talvez por extensão, a produção jornalística a partir da interpretação do Poder Judiciário.

Com a judicialização de diversos aspectos da sociedade brasileira, existe a necessidade de pesquisas sobre processos judiciais envolvendo o jornalismo. Usualmente, pesquisas sobre ações de dano moral enfocam, em sua maioria, aspectos do campo do direito, e não jornalismo ou comunicação. A vinculação entre os dois campos, jornalismo e direito, foi tema de apenas uma dissertação deste programa de pós-graduação, “Relações entre jornalistas e membros do Ministério Público: atuação fiscal e interesse público” (TRICHES, 2013).

No início deste ano, o Conselho Nacional de Justiça instalou um comitê para analisar o tema liberdade de expressão no Brasil, para examinar, entre outros assuntos, processos contra jornalistas. A primeira ação deste comitê foi, em agosto, no sentido de criar uma base de dados sobre o tema para saber como o judiciário se comporta sobre a liberdade de imprensa.

Ou seja, não há um entendimento do judiciário sobre estes aspectos e muito menos uma base de dados nacional que separe ações de dano moral contra jornalistas e veículos de comunicação de outras do mesmo tipo, contra outros tipos de réu.

Jornalismo e Judiciário não funcionam de forma perfeita: são instituições geridas por interesses que se aproximam ou se afastam de seus paradigmas ideais, por pessoas que interpretam a realidade – e se existe uma interpretação, há muitas outras possíveis. Neste terreno de imperfeições aparecem os processos pelos quais os jornalistas tomam decisões que irão aparecer em seu produto final e, caso sejam processados, serão alvo de escrutínio do Judiciário.

## Referências

TRICHES, Guilherme Longo. **Relações entre jornalistas e membros do Ministério Público: Atuação fiscal e interesse público**. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

# Adaptações na programação radiojornalística brasileira e a migração do AM para o FM

**Karina Woehl de Farias – Doutorado**

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valci Regina Mousquer Zuculoto*

**Palavras-chave:** migração do AM para o FM; programação; radiojornalismo; rádio

A trajetória histórica do rádio está diretamente relacionada a avanços tecnológicos significativos que o afetaram enquanto meio de comunicação, sejam eles quanto ao formato, à portabilidade, ao alcance ou à qualidade sonora. Fatos que vem alterando o modo de ouvi-lo desde o seu surgimento. Recentemente, o meio passa por um novo momento de adaptação na forma de transmitir e sintonizar as ondas radiofônicas: a Migração do AM para o FM. Para compreender este cenário, esta pesquisa (re)visita os períodos históricos do rádio brasileiro dividindo-os em ondas de mudanças, elencadas por alterações que se destacam no rádio de Amplitude Modulada. Parte-se da ideia de que a migração para o FM será mais uma onda de impacto no meio, antecipada por outros cinco importantes acontecimentos na história do rádio, como 1) *Implantação*; 2) *Invenções tecnológicas (TV e transistor)*; 3) *Surgimento de um novo dial (FM)*; 4) *Informatização*; 5) *O Rádio na internet e expandido* e, por último e em andamento, 6) *A migração das emissoras em Amplitude Modulada para a Frequência Modulada*. Importante frisar que reconstituições da história do rádio já foram realizadas, com outros focos e angulações, por pesquisadores referenciais da área como Gisela Swetlana Ortriwano (1985), Sonia Virgínia Moreira (1991), Luiz Artur Ferraretto (2001; 2012), Valci Regina Mousquer Zuculoto (2012), Marcelo Kischinhevsky (2016), muitas vezes também procedendo a revisões e atualizações dos seus próprios escritos. Esta pesquisa sobre a migração do rádio AM para o FM pretende utilizar de estratégias metodológicas híbridas, passando pela revisão de literatura, entrevistas, análise de conteúdo e documental. No referencial bibliográfico, a ideia é abordar questões que darão suporte à pesquisa, como as transformações do rádio, a linguagem radiofônica (BALSEBRE, 2005) e a programação (KAPLÚN, 1978). A proposta é, por meio do cruzamento deste levantamento, entender como o radiojornalismo realizado nas emissoras AMs vem sendo praticado no FM após o processo de migração no rádio brasileiro. O trabalho parte ainda da falta de investimentos no rádio de Amplitude Modulada como um dos fatores que influenciaram o atual momento em que vive o meio no país. Os números apontam um desinteresse ainda mais perceptível quando o assunto são os investimentos em tecnologia. O AM, por exemplo, não está disponível em novos dispositivos móveis, como celulares e tablets. Isso faz com que os novos aparelhos cheguem ao mercado somente em FM, refletindo diretamente na audiência de

emissoras. Um outro fator que representa problema é a indústria automobilística, que coloca no mercado veículos sem aparelhos compatíveis ao AM. Este “esquecimento” condena o espectro e pode ser apontado como um dos motivos da migração, também muito relacionada com a qualidade do som com a interferência nas ondas e a falta de um modelo de transmissão digital no Brasil. A parte empírica do trabalho é configurada por emissoras marcadas pelo pioneirismo do processo de migração ou pela importância regional e nacional. São elas: *A Rádio Progresso de Juazeiro do Norte* (CE), primeira emissora do país a migrar; *Rádio Clube de Lages* (SC), primeira de SC a migrar; *Rádio Jovem Pan* (SP), a primeira a fazer testes de migração no país e a *Rádio Gaúcha de Porto Alegre* (RS), pela importância regional.

## Referências

- BALSEBRE, A. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, E. (Org.). **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005
- FERRARETTO, L.A. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- KAPLÚN, Mario. **Producción de programas de radio**. Ciespal, 1978
- KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro, Mauad X, 2016.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio Fundo Ed., 1991.
- ORTRIWANO, G.S. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.
- ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar** – a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.

# Notícias autodestrutivas: a produção de conteúdo jornalístico na pós-modernidade

**Ingrid Pereira de Assis – Doutorado**

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cárilda Emerim

**Palavras-chave:** efemeridade; notícia autodestrutiva; semiótica discursiva.

Esta pesquisa analisa postagens realizadas pelos portais *Uol* e *G1*, nas redes sociais Snapchat e Instagram, com o objetivo de conceituar notícia autodestrutiva, relacionando a uma efemeridade pós-moderna (BAUMAN, 2001) ou hipermoderna (LIPOVETSKY, 2016). Para isto, tanto na forma quanto no conteúdo, serão levantados elementos que permitam definir o material como notícia (LAGE, 2000; DIJK, 1990; COSTALES, 1966; RIVA, 1977) e, ao mesmo tempo, diferenciá-lo enquanto notícia autodestrutiva. Além de fundamentar este conceito, objetiva-se relacioná-lo com a construção de uma memória informativa e, conseqüentemente, com a formação de um tipo específico de conhecimento (MEDITSCH, 1992). Utiliza-se como suporte metodológico a Semiótica Discursiva (GREIMAS, 1975), que visa compreender “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2005, p. 11), aplicada, especificamente, ao Jornalismo. Isto já vem sendo realizado em estudos focados no telejornalismo. Com esta pesquisa, demonstrar-se-á a pertinência deste modelo de análise proposto por Cárilda Emerim (2016) para produtos jornalísticos de diferentes plataformas e suportes. Baseadas na proposta da pesquisadora, serão realizadas as seguintes etapas: coleta do material, decupagem, descrição e interpretação do corpus. Aqui, seguem-se, também, duas premissas básicas. A primeira é a de que tal objeto de análise possui uma linguagem própria, com especificidades que devem ser consideradas no momento de interpretação. A segunda é que para compreender o objeto de análise é preciso entender contexto no qual este produto está inserido. Por isso, faz-se importante a reconstrução contextual da produção, tanto com relação à área de Jornalismo, quanto em termos sociais mais amplos. É só a partir disto que poderá ser iniciada a análise dos planos de conteúdo e expressão do material coletado para fundamentar o conceito aqui proposto. A pesquisa finalizará com a discussão sobre a relação entre esse tipo de notícia, a memória e a produção de conhecimento, na sociedade pós-moderna. Pretende-se, ao fim, esboçar uma “gramática de produção e de reconhecimento” (VÉRON, 1987, p. 20), que subverta a lógica do esquecimento, possibilitando desenvolver conteúdos que tenham mais valor mnemônico.

## Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- COSTALES, Jose Ortego. **Noticia, actualidad, informacion**. Pamplona: Editorial Gomez, 1966.

DIJK, Teun A. van. **La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.

EMERIM, Cárilda. Semiótica discursiva: aplicação na pesquisa em jornalismo. In: SCÓZ, Murilo; VANDRESSEN, Monique; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e (orgs.). **Proposições interativas: modos de produzir sentidos**. Florianópolis: Ed. UDESC, 2016.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. Editora Vozes, 1975.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza: rumo a uma civilização sem peso**. São Paulo: Editora Manole, 2016.

MEDITSCH, Eduardo. **O Conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

RIVA, Pedro Orive. **Estructura de la información periodística: aproximación al concepto y su metodología**. Madrid: Ediciones Pirámide, 1977.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social**. Barcelona: Gedisa, 1996.

# Entre o prosumer e o gatekeeper: modelos de apropriação na produção da notícia no telejornalismo

**Luciana Carvalho** – Doutorado

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cárilda Emerim

**Palavras-chave:** notícia televisiva, *prosumer*, *gatekeeping*

A década de 80 marcou o início de movimentações enfrentadas pela indústria jornalística que ameaçavam a continuidade do seu modelo de negócio nos padrões da época. Por um lado, a indústria foi afetada pelas crises econômicas, pelo deslocamento das verbas publicitárias e pela segmentação da mídia. Por outro lado, percebia-se o início de transformações tecnológicas e mudanças na sociedade que obrigariam a indústria jornalística a modificar o processo de produção da notícia e se adequar a uma nova realidade em que a mídia de massa não possuía mais a exclusividade na divulgação de notícias.

A indústria jornalística teve que se ajustar ao novo consumidor, que Toffler (1980) chamou de *prosumer*. O termo identificava um novo comportamento na sociedade. Isso porque as pessoas estavam fazendo para si mesmas, serviços para os quais anteriormente recorriam a profissionais, embaralhando os limites entre produtor e consumidor.

A criação da internet e a consequente revolução tecnológica popularizou ferramentas antes exclusivas das empresas jornalísticas e oportunizou aos *prosumers* a possibilidade de produzir, modificar e divulgar informações formando um novo ecossistema de comunicações (SHIRKY, 2012) no qual os órgãos de imprensa, como conhecíamos, são apenas um dos componentes.

Quando a audiência se torna produtora, passa também a escolher quais assuntos e fatos são importantes ou interessantes, o que impacta em uma das mais caras funções do jornalista, a de decidir o que é notícia. A teoria do *Gatekeeping* (WHITE, 1964) surgiu a partir do estudo dos motivos que fundamentavam a escolha das notícias por um editor que, em seu papel de *gatekeeper*, decidia quais notícias seriam publicadas.

Para ajudar a compreender como o *gatekeeper* atua nesse novo ecossistema, ao receber materiais produzidos pela audiência e modificar esses materiais para transformá-los em um produto jornalístico, o problema que essa pesquisa quer enfrentar é que tipo de notícia é gerada para o telejornalismo a partir da estruturação discursiva do produto do *prosumer* empregada pelo *gatekeeper*.

Para tanto, adota-se o entendimento de Pamela Shoemaker para o termo *gatekeeper*.

[...] como uma série de pontos de decisão em que cada item de notícia é mantido ou alterado enquanto passa ao longo dos canais de notícias da fonte para o repórter e para uma série de editores (SHOEMAKER et al., 2001, p. 233<sup>1</sup>).

Esta pesquisa tem como **objetivo** observar o tratamento discursivo dado pelos jornalistas aos vídeos enviados pelo *prosumer*, sistematizando e observando o processo produtivo e os materiais exibidos, com vistas a analisar as características que estruturam esse tipo de produto relacionando-as aos traços constitutivos do texto jornalístico televisivo.

Os **procedimentos metodológicos** estão divididos em três etapas. A primeira etapa é voltada à sistematização das intervenções feitas durante o processo de produção das notícias produzidas a partir de vídeos enviados pelo **prosumer**. A segunda é dirigida à análise do objeto de estudo em seu contexto e, a terceira, dedicada a uma análise aprofundada dos materiais exibidos, fundada na semiótica discursiva.

## Referências

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SHOEMAKER, Pamela J., et al. Individual and Routine Forces in Gatekeeping. Disponível em **J&MC Quarterly**, v. 78, n. 2, p. 233-246, Summer 2001: <<http://journals.sagepub.com.ez46.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/107769900107800202>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2017.

TOFFLER, Alvin. **A Terceira onda**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

WHITE, David Manning. The 'Gatekeeper': A Case Study in the Selection of News. In: DEXTER, Lewis Anthony; WHITE, David Manning. (Ed.). **People, Society and Mass Communications**. Toronto: Collier-Macmillan Canada Ltd., 1964, p. 160-172.

---

1 Tradução própria cujo texto original é: [...] as a series of decision points at which news items are either continued or halted as they pass along news channels from source to reporter to a series of editors. [...] is also thought of as consisting of more than just selection, to include how messages are shaped, timed for dissemination, and handled.

# Critérios de noticiabilidade para uso de conteúdos produzidos por agências noticiosas

**Siliana Dalla Costa** – Doutorado

**Orientador:** Prof. Dr. Rogério Christofoletti

**Palavras-chave:** agências de notícias; critérios de noticiabilidade; jornalismo online; jornalismo internacional.

Enquanto a tônica das pesquisas acadêmicas dos últimos 50 anos versava sobre o imperialismo midiático comandado pelas agências noticiosas (SHRIVASTAVA, 2007) para demonstrar a “dependência estrutural do mundo em desenvolvimento em países dominantes do ‘Primeiro Mundo’” (REEVES, 1993), hoje o contra-argumento é de que há uma homogeneização das notícias, quando conteúdos de agências são usados inalterados em veículos do mundo todo (CURRAN *et al.*, 2015) ou, então, na domesticação das informações, quando notícias globais são tornadas locais, numa perspectiva com a cultura nacional (MACGREGOR, 2013).

Contudo, é impossível negar que as notícias internacionais ainda provêm de poucas fontes, as agências internacionais de notícias (PATERSON, 2006). Assim, esta pesquisa tem como **objeto de estudo** critérios de noticiabilidade para uso de conteúdos produzidos por agências noticiosas no jornalismo online.

Para tanto, busca-se compreender, entre outras características, o que é notícia no jornalismo internacional e que conhecimento de mundo é possível construir considerando os conteúdos selecionados de agências. Nossa ênfase será na análise de notícias publicadas nas seções de internacional – porta de entrada de conteúdos com origem em agências – de dois webjornais brasileiros de referência, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, e na opinião de editores dos respectivos webjornais.

As notícias ajudam a sociedade a selecionar, priorizar, compreender e organizar os acontecimentos de sua realidade. Ou seja, ela é mediada pelas ações, escolhas ou critérios definidos pelos *mass media*, que proporcionam para as pessoas boa parte do conhecimento que estas adquirem sobre o mundo (MOTTA, 2002).

Desta forma, e considerando amplo espectro de atuação do jornalismo, definir o que é notícia no jornalismo internacional é uma tarefa que depende de critérios de noticiabilidade muito bem definidos. “O que é também uma maneira de dizer que nenhuma outra editoria precisa de critérios tão refinados de qualificação e de seleção” (NATALY, 2004, p. 10-11).

Para compreender esse processo, conecta-se o jornalismo a alguns pressupostos. Entre eles a estrutura das notícias internacionais de Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1965). Além disso, discute-se a seleção de notícias pela etapa primária, naquela que é a primeira pesquisa acadêmica sobre jornalismo, *De relationibus novellis*, de Tobias Peucer – tese apresentada em 1690 na Universidade de Leipzig, na Alemanha. E, para fins de modo de seleção de notícias, considerando importância e relevância dos fatos, busca-se em Michael Kunczik (2001) a definição daquilo que é considerado verdadeiro e daquilo que é considerado falso. Ao mesmo tempo, encontra-se nas orientações de Nilson Lage (1982) uma forma de questionar critérios de avaliação formal de seleção de notícias, apontando os interesses ideológicos por trás dos pressupostos de conhecimento científico.

De todo modo, duas **hipóteses** deverão ser verificadas. A primeira é de que as notícias positivas ou neutras têm origem em países hegemônicos e que as negativas abordam países periféricos, assim supervalorizando determinados centros e marginalizando outros. A segunda é de que o conhecimento de mundo absorvido com base nos conteúdos produzidos por agências de notícias é restritivo e marginalizador. Para tanto, usa-se a análise de conteúdo como método e a técnica de amostragem denominada semana composta como principal **procedimento metodológico**.

## Referências

- CURRAN, James; ESSER, Frank; HALLIN, Daniel; HAYASHI, Kaori & LEE, Chin-Chuan. **International News and Global Integration. Journalism Studies**, 2015. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/1461670X.2015.1050056>. Acesso em 14 de ago 2017.
- GALTUNG, Johan; RUGE Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1999.
- KUNCZICK, Michael. **Conceitos de jornalismo; norte e sul**. São Paulo: Edusp, 2001.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MacGREGOR, P. International News Agencies: Global eyes that never blink. In: FOWLER-WATT, K. and ALLAN, S. (orgs). **Journalism: New Challenges**. Centre for Journalism & Communication Research Bournemouth University, 2013.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **O Trabalho Simbólico da Notícia**. Anais do XI Encontro Anual da COMPÓS. Rio de Janeiro (RJ): Compós, 2002.
- NATALI, João Batista; **Jornalismo internacional**. São Paulo: Contexto, 2004
- PATERSON, Chris. **News Agency: Dominance in International News in the Internet**. Centre for International Communications Research, papers in international and global

communication, 2006. Disponível em: [http://www.communicationethics.net/journal/v4n1-2/v4n1-2\\_12.pdf](http://www.communicationethics.net/journal/v4n1-2/v4n1-2_12.pdf)

PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia** V I n. 2, Florianópolis: Posjor UFSC/Insular, 2004.

REEVES, Geoffrey. **Communications and the Third World**. London: Routledge, 1993.

SHRIVASTAVA, K. M. **News Agencies: From Pigeon to Internet**. New Delhi: New Dawn Press Group, 2007.

# Algoritmos e a influência na circulação de informações jornalísticas

**Kérley Winques** – Doutorado

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Ritter Longhi*

**Palavras-chave:** algoritmos; jornalismo; circulação.

A adaptação aos novos tempos passa pelas transformações do chamado Jornalismo Pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). A crise no setor aliada à sociedade midiaticizada oferecem subsídios para uma inevitável mudança no mercado editorial. Porém, em meio às estratégias de manter os veículos e sobreviver em meio à crise do modelo de gestão e negócios, é preciso atentar-se para o público. Num contexto em que cada vez mais leitores tornam-se números, mensuráveis e programáveis, a pesquisa da tese tem como objeto de estudo os algoritmos e a influência na circulação da informação no ciberespaço.

Redes sociais são um recurso poderoso no que diz respeito à distribuição de conteúdos jornalísticos. Porém, Bell (2016) alerta que o controle está nas mãos de poucos, o que coloca o futuro do ecossistema midiático de publicação em perigo e gera preocupações, seja no âmbito econômico ou no da ética, sobre o desequilíbrio da distribuição das informações.

Um relatório recente, publicado em 2017, pela Columbia Journalism Review chamou atenção de veículos jornalísticos do mundo todo, nomeado de “Como o Vale do Silício redefiniu o jornalismo” (*The Platform Press: How Silicon Valley reengineered journalism*), assinado por Emily Bell e Taylor Owen. Entre os resultados apresentados, chama atenção a questão de como as plataformas de tecnologia se tornaram *publishers* em um curto espaço de tempo – nesse cenário o jornalismo também passou a ser moldado por essas redes. Outro item de destaque que interessa para esta pesquisa é como as plataformas contam com algoritmos para organizar e distribuir o conteúdo em rede. É por meio dessa “organização” que ocorre o chamado *filtro-bolha*, que oferece aos usuários apenas os conteúdos que interessam, impulsionando ainda mais a polarização de ideias.

Nesse sentido, o contraponto da noção de compartimentar informações por meio de uma mecânica reducionista vem com o pensamento complexo defendido por Edgar Morin, que se situa no desafio de que “só podemos conhecer, como dizia Pascal, as partes se conhecermos o todo em que se situam, e só podemos conhecer o todo se conhecermos as partes que o compõem” (MORIN, 2003, p. 13).

Outro estudo do Tow Center, também de 2017, desdobrado por Pete Brown, Andrea Wenzel e Meritxell Roca-Sales, trouxe a abordagem metodológica de grupos focais, o que refletiu em contribuições importantes vindas do público. Resultados significativos foram

apresentados, porém para este resumo cabe tocar na privacidade e na transparência. Os entrevistados destacam que as práticas de coleta de dados são opacas, ou seja, falta transparência, questão que gera grande preocupação entre os participantes. Na pesquisa mencionada anteriormente, a transparência também aparece com destaque para a falta de responsabilidade social.

As preocupações com a forma como as empresas de tecnologia, como *Facebook* e *Google*, conduzem as informações na rede ainda levantam uma série de questionamentos. E são eles que auxiliaram na construção do objetivo geral da pesquisa, que é investigar de que forma os algoritmos influenciam na circulação e no consumo de leitores conectados. Bell (2016) lembra que o jornalismo é uma pequena subsidiária da principal plataforma de mídias sociais, mas ainda é um dos principais interesses dos cidadãos.

Esta pesquisa, ainda em andamento e passível de remodelações, pretende buscar respostas e abrir uma nova abordagem de estudo sobre os leitores brasileiros conectados à internet. Esse perfil de público, presente nas redes sociais, consome diariamente diversos formatos de conteúdos jornalísticos e estão suscetíveis a qualquer tipo de influência. Por fim, destaca-se que esta sugestão de investigação pretende ocupar-se da metodologia de grupos focais, justamente pela abordagem que visa uma aproximação com o público, que tem se tornado, cada vez mais, métricas e cliques.

## Referências

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial**: adaptação aos novos tempos. Revista de Jornalismo ESPM, abril-junho de 2013, pp. 30- 89.

BELL, Emily; OWEN, Taylor. **The Platform Press**: How Silicon Valley reengineered journalism. Tow Center for Digital Journalism: Columbia Journalism School, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/w7wc3p>. Acesso em: 19 de junho de 2017.

BELL, E. **Facebook is eating the world**. 07/03/2016. Columbia Journalism Review. Disponível em: <http://migre.me/tePSG>. Acesso em: 15 de março de 2016.

BROWN, Pete; WENZEL, Andrea; ROCA-SALES, Meritxell. **New report**: Local audiences consuming news on social platforms are hungry for transparency. Tow Center for Digital Journalism: Columbia Journalism School, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/8yBMRT>. Acesso em: 28 de outubro de 2017.

EDGAR, Morin. Da necessidade do pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; MACHADO, Juremir (org.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Editora Sulina/Edipucrs, 2003. p. 13-35

# CIDADANIA, NO JORNALISMO

**As noções de cidadania entre jornalistas brasileiros**

Criselli Maria Montipó

**As disposições de classe social nas notícias e nos comentários dos homicídios publicados pelo Diário Catarinense no Facebook**

Anderson Dias Silveira

**Novas tecnologias, velhos pensamentos: o jornalismo que desumaniza**

Géssica Gabrieli Valentini

**O consumo da informação jornalística por jovens de comunidades periféricas**

Marli Paulina Vitali

**O jornalismo online a serviço da cidadania no Complexo do Alemão: uma análise do portal *Voz das Comunidades***

Paula Weyh dos Passos

**A humanização do fotojornalismo do coletivo fotográfico SP invisível**

Marcelo De Franceschi dos Santos

# As noções de cidadania entre jornalistas brasileiros

**Criselli Maria Montipó – Doutorado**

**Orientador:** Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

**Palavras-chave:** jornalismo; cidadania; jornalistas; narrativa jornalística; democracia.

A garantia dos direitos da cidadania é central na agenda das sociedades contemporâneas, principalmente para superar as desigualdades. Por sua vez, o jornalismo ocupa, nas democracias, um papel social importante neste contexto: a narrativa jornalística é um dos meios de aproximação cotidiana aos direitos e deveres dos cidadãos. Há, portanto, uma relação de ambivalência entre o jornalismo e a cidadania (TRAQUINA, 2012). Para se compreender tal relação é preciso, inicialmente, esclarecer que ambos, jornalismo e cidadania, foram construídos historicamente e socialmente intercambiados.

No caso do Brasil, a consolidação de sua democracia e de sua cidadania tem raízes históricas influenciadas por Portugal, país colonizador e de onde emergem os primórdios das relações de poder, de construção da ideia de nação, da comunicação jornalística, dentre outros (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Tendo sido colônia portuguesa por três séculos, o Brasil da atualidade carrega traços do período de colonização. Sobre a herança escravagista, os pouco mais de cem anos de abolição ainda se mostram insuficientes para a consolidação da cidadania (CARVALHO, 2013).

Entretanto, a noção de cidadania não é estanque: seu sentido varia no tempo e no espaço. Atualmente, predomina a ideia de que ser cidadão é ser livre, gozar de igualdade de direitos e de obrigações. Portanto, esta pesquisa está baseada na ideia de que ser cidadão é pertencer à comunidade, ter direitos civis, sociais e políticos, segundo Carvalho (2013).

Defendida na práxis e nas teorias do jornalismo, a responsabilidade jornalística de promoção da cidadania é reafirmada pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007) especialmente quando se refere à defesa dos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948). No Artigo 6º, Inciso XI do código deontológico, tem-se como dever do jornalista: “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias” (FENAJ, 2007, p. 2).

A partir deste cenário, evidenciar a relação do jornalismo com a manutenção da cidadania é o ponto de partida desta pesquisa de tese que tem o objetivo principal investigar as noções de cidadania predominantes entre jornalistas brasileiros. Como objetivos específicos apresentam-se: (1) conhecer e compreender quais noções de cidadania prevalecem entre

os jornalistas; (2) verificar os sentidos de cidadania que emergem dos veículos jornalísticos brasileiros; (3) examinar a influência portuguesa nas conformações cidadãs brasileiras; (4) averiguar como a simbiose entre jornalismo e democracia influencia tal responsabilidade jornalística; (5) analisar de que modo a práxis e as concepções sobre o tema colaboram com o ideal do jornalismo de promovê-la.

A pesquisa compreenderá duas etapas que serão realizadas simultaneamente: análise de reportagens e entrevistas semiestruturadas com jornalistas brasileiros. Os repórteres serão convidados a responder à entrevista de forma a constituírem uma amostragem significativa. O objeto empírico desta pesquisa também será composto por uma amostra de reportagens sobre temas relacionados à cidadania, veiculadas em jornais, revistas, portais, emissoras de rádio e televisão do Brasil. O corpus será selecionado de forma a representar uma amostragem qualitativa, sem privilegiar momentos específicos, para compor uma semana artificial dos veículos, de acordo com Bauer (2008). Os procedimentos metodológicos contam ainda com recursos da Análise Crítica da Narrativa, conforme Motta (2013).

## Referências

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil - O longo Caminho**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: < [http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2017.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948, Paris, França. Disponível em: < <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em 27 out. 2017.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. Editora Companhia das Letras, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, Volume I, 3ª. ed. rev., 2012.

# As disposições de classe social nas notícias e nos comentários dos homicídios publicados pelo *Diário Catarinense* no Facebook

**Anderson Dias Silveira – Mestrado**

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gislene Silva*

**Palavras-chave:** classes sociais, cobertura jornalística, homicídios.

O jornalismo trata cotidianamente do fenômeno social das vidas perdidas em mortes violentas – homicídios. A complexidade que circunda o reconhecimento social das vítimas como o gênero, a etnia, a classe social, entre outras possibilidades e intersecções, podem influenciar na forma como o fazer jornalístico reporta tais acontecimentos. Por isso, busco perceber possíveis desigualdades de tratamento na cobertura deste fenômeno social pelo jornal *Diário Catarinense* (DC) no primeiro semestre de 2017 em Florianópolis/SC.

Dessa forma, o objeto de estudo dessa pesquisa é o tratamento jornalístico dos homicídios pelo *Diário Catarinense* e sua repercussão nos comentários na página do veículo no Facebook. E o meu objetivo é identificar e descrever as disposições de classe social presentes nos textos jornalísticos e nos comentários sobre homicídios publicados no Facebook pelo DC, com base no conceito de classe social de Jessé Souza (2003, 2009 e 2010).

O conceito de classe social que adoto nesta investigação não corresponde à renda ou à posição do sujeito em relação aos meios de produção. Portanto, é através do diálogo com os estudos do sociólogo brasileiro Jessé Souza que trabalho nesta investigação uma perspectiva de classe em suas dimensões imateriais. Para o autor, não é no campo econômico e material que se encontram as características de uma classe social, mas de forma mais determinante nas particularidades imateriais. É a partir das disposições valorativas e de comportamento constituídas desde a tenra infância e ao longo da vida – do *habitus* – que Souza pensa as classes sociais. Essas disposições são pré-reflexivas, ou seja, não fazem parte das decisões conscientes das pessoas por seus modos de pensar e agir.

As disposições de classe social são, em boa medida, perceptíveis no texto jornalístico e na sua recepção. Pois o *habitus* de classe se manifesta no uso dos repertórios culturais, nos modos de perceber a vida e a sociedade e, possivelmente, estão presentes no reconhecimento social das vidas perdidas em mortes violentas. O jornalismo, pode-se afirmar, é atravessado por questões que pertencem aos sujeitos que produzem e consomem seu conteúdo. As disposições de classe estão inscritas em nosso ser e também estão projetadas

nas pessoas que compartilham conosco o cotidiano - inclusive nos sujeitos que, por algum motivo, se tornam notícia.

Para cumprir o objetivo desta investigação – de identificar as disposições de classe social presentes nos textos jornalísticos e nos comentários sobre homicídios publicados no Facebook – analisarei as mortes ocorridas no primeiro semestre de 2017 que foram noticiadas nessa rede social pelo DC. Os procedimentos de pesquisa adotados são inspirados no modelo de Circuito de Cultura de Richard Johnson (1999). As análises estão separadas em dois elementos do circuito: nos textos jornalísticos (produtos) e nos comentários (recepção). Os textos em questão, notícias publicadas na página do DC no Facebook, serão sobre homicídios ocorridos no primeiro semestre de 2017. A repercussão entre os leitores será pesquisada por meio dos comentários como atos de recepção dos usuários nesta rede social, ou seja, na observação da interação, ou do julgamento, em relação aos crimes e aos sujeitos envolvidos.

Em termos de hipótese, no que circunda o tratamento jornalístico do fenômeno social das vidas perdidas em mortes violentas, afirmo que há uma espécie de desprezo com as classes populares. Tal desprezo tem nuances e escalas, mas diz respeito à estrutura social do nosso país. Parto da ideia de que as disposições de classe social influenciam no modo de perceber a violência urbana e, no presente estudo, determinam em boa medida quem é passível de luto. Em outras palavras, uma vida para ser considerada perdida ou lesada no Brasil deve pertencer aos setores médios de nossa sociedade, mas não apenas. Em síntese, a hipótese é a de que as disposições de classe social influenciam no tratamento jornalístico e colaboram com uma espécie de desprezo com as classes populares.

## Referências

JOHNSON, Richard. “What is cultural studies anyway?”, in STORE, John (org.). What is Cultural Studies? A Reader. Londres: Arnold, 1996, p. 75-114. (Edição brasileira: Silva Tomas Tadeu da (org.) **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999).

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica.** Rio de Janeiro; IUPERJ: Belo Horizonte; Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A ralé brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte: UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

# Novas tecnologias, velhos pensamentos: o jornalismo que desumaniza

**Géssica Gabrieli Valentini – Doutorado**

**Orientador:** Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

**Palavras-chave:** classes sociais, cobertura jornalística, homicídios.

O jornalismo é capaz de desumanizar? Embora o processo de produção seja por pessoas e para pessoas, esta pesquisa parte da hipótese que o tratamento dado às fontes e, muitas vezes, aos próprios jornalistas, pode conduzir a um jornalismo desumanizado, que ultrapassa limites éticos, se afasta dos preceitos que justificam a profissão e ainda pode reforçar preconceitos.

Durante décadas, verificou-se uma tendência à racionalidade, com a adoção de modelos jornalísticos e estratégias, como o distanciamento do repórter. Por um lado, as rotinas produtivas se tornaram mais ágeis. Por outro, essas mesmas estratégias parecem ter conduzido a um processo mecanicista, muitas vezes reduzido a aplicação de técnicas. Não apenas isso, a própria modernidade impactou os modelos de negócios e as estruturas internas, que têm cada vez menos profissionais para os mesmos produtos jornalísticos. O que parece é que estamos fazendo um novo jornalismo em aspectos tecnológicos, mas reproduzindo velhos pensamentos por falta de reflexão.

Neste trabalho, observamos os diversos aspectos históricos e sociais que incidem sobre processos e produtos jornalísticos e que podem conduzir a um jornalismo desumanizado. O objetivo é analisar as características da modernidade que se refletem na imprensa e alertar sobre as consequências do jornalismo quando é feito de forma mecânica, sem se preocupar com a defesa dos direitos humanos e a cidadania.

Neste sentido, este projeto busca compreender o que está ocorrendo com o jornalismo, refletindo sobre as construções históricas, a formação do pensamento moderno, as características da modernidade que impactam no trabalho do jornalista, além de alternativas que podem minimizar os efeitos, buscando que cada um se torne uma pessoa melhor e, conseqüentemente, um jornalista mais qualificado.

A primeira parte da pesquisa constitui o levantamento bibliográfico em áreas cujos conceitos de humanização e desumanização já foram amplamente estudados, como a psicologia, a medicina e a enfermagem, bem como um estudo do processo histórico de formação do pensamento moderno. Para ilustrar as consequências desse processo, selecionados casos jornalísticos analisados através dos procedimentos metodológicos da Análise Crítica da Narrativa, de Luiz Gonzaga Motta (2013). Posteriormente, serão feitas entrevistas em profundi-

dade com editores de meios de comunicação e uma pesquisa de Survey com jornalistas que atuam nas redações.

## Referências

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Editora da Unesp, São Paulo, 1991. <http://www.afoiceomartelo.com.br/posfsa/Autores/Giddens,%20Anthony/ANTHONY%20GIDDENS%20-%20As%20Consequencias%20da%20Modernidade.pdf> (Último acesso: 12/08/2017).

GOMES, Pedro Gilberto. **Mediatização**: um conceito, múltiplas vozes. Revista Famecos (Online). Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/22253/14176>, (último acesso 18/09/2017).

LIMA, M. E. O., VALA, J. **As novas formas de expressão do preconceito e do racismo**. Estudos de Psicologia, 9, pgs. 401-411, 2004.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. FARO, André. SANTOS, Mayara Rodrigues. A desumanização Presente nos Estereótipos de Índios e Ciganos. Em: **Psicologia**: Teoria e Pesquisa Jan-Mar 2016, Vol. 32 n. 1, pp. 219-228. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722016000100219&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000100219&lng=pt&tlng=pt) (último acesso: 24/09/2017).

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**: Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo, Summus, 2004.

MIRANDA GOMES, Rogério. **Trabalho médico e alienação**: as transformações das práticas médicas e suas implicações para os processos de humanização/desumanização na saúde. Disponível em [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-04112010.../RogerioMirandaGomes.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-04112010.../RogerioMirandaGomes.pdf) (último acesso 24/09/2017).

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia**: análise da narrativa jornalística. Brasília: Casa das Musas, 2 - coleção Textos em Comunicação, ano II, v.2, n.5, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, Outubro de 2002. Disponível em: <http://rccs.revues.org/1285> (último acesso em 10/08/2017).

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 78, Outubro 2007: 3-46

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A construção Multicultural da Igualdade e Diferença**. Oficina do CES, n25, 1999. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/135/135.pdf> (último acesso em 20/09/2017).

# O consumo da informação jornalística por jovens de comunidades periféricas

**Marli Paulina Vitali – Doutorado**

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cárilda Emerim

**Palavras-chave:** notícia; juventude; consumo; comunidade periférica.

Estudar juventude é algo tão instigante quanto ela própria. Quem está na academia e se relaciona diariamente com esse público percebe o quanto a jovialidade, a vitalidade e a curiosidade pelo diferente são fatores que motivam e inspiram. Para entender mais, esta pesquisa parte da seguinte questão: quais são as informações jornalísticas consumidas pelos jovens de comunidades periféricas via celular? A intenção é investigar se as informações que atraem esse público possuem caráter jornalístico, para que a partir dessas observações a própria mídia se atualize, produza conteúdos de interesse e possa refletir sobre as práticas jornalísticas adotadas atualmente.

A partir dos desdobramentos que surgirão, tem-se como objetivos específicos: observar a relação do jovem com a mídia; verificar o acesso às notícias a partir dos aparelhos celulares; buscar um modelo/proposta de método que permita entender o que eles assistem e por que determinado tema desperta esse interesse; avaliar as produções consumidas e propor uma sistematização de características relevantes que se tornarão referenciais como modelo de produção do jornalismo. Para Gobbi (2012) é importante que se observe que não há apenas uma cultura juvenil e uma juventude na atualidade, mas várias. Elas diferem conforme condições sociais e históricas. E isso também afeta o jornalismo. Cenários diversos, realidades distintas, inclusões tecnológicas, tudo faz com que haja diferenças. É relevante entender o que o jovem busca, o que lhe interessa, permitindo que o jornalismo observe isso e produza conteúdos que lhe sejam atrativos e que tenham relevância.

A pesquisa será realizada com jovens, de 13 a 18 aos, que frequentam os Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) de Criciúma (SC). Numa etapa inicial serão aplicados questionários, seguindo para entrevistas individuais aprofundadas e grupos focais. Para dar conta dos objetivos propostos, os procedimentos metodológicos seguem as discussões dos Estudos de Recepção. Partindo dos Estudos Culturais Latino-Americanos, esta pesquisa se desenvolve tendo como base os autores Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini, Guillermo Orozco Gómez, Maria Immacolata Vassallo Lopes, Antônio Fausto Neto, Nilda Jacks e Mauro Wilton de Sousa, referências no tema. Além deles, trazer definições dos conceitos de notícia, juventude e consumo também são relevantes para que se consiga debater e entender melhor o tema proposto e seus desdobramentos. Para isso, recorre-se a autores como Sarlo (2000), que avalia inclusões e exclusões sociais na perspectiva da pós-modernidade. Tem-se

também o aporte de Lage (2004, 2012), Souza (2002) e Traquina (2005) para pensar e refletir sobre o que é notícia; Hall (2003), que trata de identidades e mediações culturais; e Ronsini (2007), que aborda o consumo e identidades juvenis.

## Referências

GOBBI, M. C. **Na trilha juvenil**: dos suplementos teen para as tecnologias digitais. UNESC, SP: 2012.

HALL, S. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. São Paulo. Editora Ática: 2004, 5ª ed.

\_\_\_\_\_, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Série Jornalismo à rigor. V. 5. Florianópolis: Insular, 4ª ed. rev. e atual., 2012.

MARTÍN BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

RONSINI, V. V. M. **Mercadores de sentido**: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SOUZA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó, SC: Argos, 2002.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo** - porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. Ed., 2005.

# O jornalismo *on-line* a serviço da cidadania no Complexo do Alemão: uma análise do portal

**Paula Weyh dos Passos – Mestrado**

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Ritter Longhi

**Palavras-chave:** cidadania; jornalismo on-line; Complexo do Alemão.

Este trabalho é parte de uma pesquisa realizada em nível de mestrado, que tem como objeto de estudo o portal *Voz das Comunidades*, desenvolvido por jovens moradores do Complexo do Alemão, comunidade localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. O objetivo é avaliar como o jornalismo *on-line* do *Voz das Comunidades* atua no fortalecimento e na promoção da cidadania dos moradores do Complexo do Alemão. O objeto empírico são matérias publicadas pelo portal em seu *website*, Instagram e Facebook, entre janeiro de 2017 e janeiro de 2018. Os três canais escolhidos para análise se mostram necessários, pois o *website* tem amplo acesso, tanto de moradores da comunidade quanto de leitores externos, já o Instagram e Facebook são canais mais utilizados para a comunicação interna da Comunidade. Aplica-se o método etnográfico, que visa à compreensão das dinâmicas internas de trabalho do portal e, mais amplamente, as estratégias utilizadas para a seleção de notícias na comunidade por meio de entrevistas com moradores, leitores e produtores do portal. A base teórica para a análise reúne os conceitos de jornalismo *on-line*, cidadania e o processo de favelização brasileira. A exploração das novas vias de possibilidades do meio virtual busca transformar as relações entre os moradores de comunidades, dando-lhes a oportunidade de expor ao mundo suas próprias identidades, crenças, valores e estilos de vida. O desejo de lutar contra as desigualdades e questionar a cobertura realizada pela mídia tradicional leva jovens moradores do Complexo de Favelas do Alemão ao desenvolvimento do *Voz das Comunidades*, um portal de comunicação comunitária que se instala como instância mediadora entre movimentos de libertação e produção do conhecimento. Calcado na capacidade crítica que pode ser estimulada em qualquer sujeito, atividades jornalísticas desenvolvidas nesse portal de comunicação traçam uma nova relação de parceria e trabalho comunitário (CALDAS, 2002). Com o desenvolvimento e fomento de ações sociais, busca-se aumentar a visibilidade e promover o despertar do censo crítico dos moradores nas questões que envolvem a criação de políticas públicas e cidadania. Nos últimos anos no Brasil, a cidadania tornou-se uma importante palavra abarcando uma nova proporção política de luta para grupos populares, com o conceito perpassando transformações sociais e tendo interpretações mais amplas pela sociedade, sendo revisto constantemente. Refletir sobre as relações entre Jornalismo e Cidadania é um desafio que implica levar em conta as diversas instâncias de evolução de ambos os conceitos

que foram radicalmente revistos no início do século XXI. As dinâmicas da comunicação têm estimulado a primazia do jornalismo e alterado profundamente as relações entre repórter e leitor, sendo marcadas pela presença constante das mídias no cotidiano dos cidadãos e dos grupos sociais que buscam dialogar com o poder público “não só objetivos políticos gerais, mas também objetivos coletivos que são confirmados nas lutas pelo reconhecimento” (HABERMAS, 1998, p.131). Os suportes tecnológicos se propõem a redimensionar os formatos de interação nas sociedades de massa contemporâneas ampliando a atuação dos movimentos sociais, especialmente por meio da internet e das redes de comunicação nela existentes. Assim, as inúmeras possibilidades de narrativas noticiosas não estão mais atreladas aos grandes conglomerados, a capacidade de irradiar a informação quebra o paradigma da mídia hegemônica e rompe com o monopólio da narração. Trata-se de uma liberdade comunicacional nunca vista anteriormente e que pode oferecer novas faces e, até mesmo, uma remodelação da nossa sociedade para uma sociedade em rede.

## Referências

CALDAS, Maria das Graças Conde. Leitura Crítica da Mídia: educação para a Cidadania. In **Comunicarte** ano xx, nº 25, p. 133-143, Campinas: SP, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **On the pragmatics of communication**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1998.

# A humanização do fotojornalismo do coletivo fotográfico *SP invisível*

**Marcelo De Franceschi dos Santos – Mestrado**

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Ritter Longhi

**Palavras-chave:** classes sociais, cobertura jornalística, homicídios.

O fotojornalismo busca expressar significados ao representar, sempre que possível, seres humanos e suas reações diante dos fatos que acontecem no dia a dia. “Tudo tem que estar no mesmo quadro: os personagens e as suas relações com o espaço e com a circunstância” (LIMA, 1989, p. 35). Com essa prioridade em seus resultados, não só se daria uma característica única e irrepetível às imagens mas, também, seria mostrado algo em comum com o leitor: alguém semelhante. O fotojornalismo, então, carrega esse interesse humano. A partir do fim dos anos 2010, os sites de redes sociais (SRS) se tornaram ambientes propícios para a difusão de imagens jornalísticas. Empresas passaram a fazer uso desses sites efetivamente em 2009 (RAIMONDO ANSELMINO; BARTONE, 2013) e, no Brasil, o *Facebook* alcançou a liderança quanto ao número de usuários ativos em 2011. Com o tempo, alguns coletivos fotográficos se formaram e passaram a utilizar os sites de redes sociais para publicar imagens e entrevistas com pessoas que refletissem a desigualdade social presente nas cidades brasileiras. Nesse contexto, esta pesquisa tem como objeto de estudo o fotojornalismo em site de rede social produzido por coletivo fotográfico. O objeto empírico selecionado foram as publicações da página do autoproclamado movimento *SP invisível* no *Facebook*. O objetivo geral é compreender como as produções fotojornalísticas do coletivo geram humanização sobre pessoas em situação de rua. Como objetivos específicos, propõe-se: definir o coletivo fotográfico e sua prática do fotojornalismo no site de rede social *Facebook*; discutir a humanização do fotojornalismo a partir da utilização de testemunhos no espaço de texto-legenda; apresentar a página do *SP invisível*, seu contexto social, e examinar suas publicações; e elaborar um relatório crítico de características essenciais humanas (MÁRKUS, 2015) entre fotografia e texto-legenda empregadas pelo *SP invisível* e debatidas por seu público. Tomando conceitualmente o movimento *SP invisível* como um coletivo fotográfico (QUEIROGA, 2012) e sua atividade como jornalística (GROTH, 2011), o problema que direciona essa pesquisa é: como ocorre a humanização sobre pessoas em situação de rua por meio das fotos e dos textos-legendas das publicações do *SP invisível* no site de rede social *Facebook*? A abordagem metodológica adotada recorre à Análise de Discurso Mediado por Computador (ADMC) (HERRING, 2004). A ADCM possibilita a constatação das ações discursivas de humanização nos textos-legendas e, ao incluir a análise dos comentários, permite entender, também, como essas ações foram percebidas pelo público. Para analisar as fotografias, recorre-se ao suporte metodológico da Gramática do Discurso Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996), procedimentos que permitem

interpretar as intenções dos recursos fotográficos apresentados – e se elas podem ser afirmadas como humanizadoras. Foram selecionadas 10 publicações da página *SP invisível* no Facebook com maior e menor engajamento, a partir de sua maior popularidade, ou seja, quando alcançou 100 mil curtidas (de 7 de novembro de 2014) e quando alcançou 341 mil curtidas (2 de abril de 2017). Por fim, associam-se os resultados que permitem explicar quais as relações possíveis entre as fotografias e os textos-legendas, pois uma das hipóteses é de que há diferenças entre a humanização das que tiveram mais e menos engajamento.

## Referências

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

HERRING, Susan C. (2001). Computer-mediated discourse. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (eds.). **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford, Blackwell Publishers, p. 612-634, 2001. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>>. Acesso 26/06/2017.

KRESS, G. R.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: a Grammar of Visual Design**. Londres: Routledge, 1996.

LIMA, Ivan. **Fotojornalismo brasileiro: realidade e linguagem**. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.

MÁRKUS, G. **Marxismo e Antropologia: o conceito de essência humana na filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

QUEIROGA, Eduardo. **Coletivo fotográfico contemporâneo e prática colaborativa na pós-fotografia**. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

RAIMONDO ANSELMINO, N.; BERTONE, M.. Prensa y redes sociales en Internet: aproximaciones a la relación de los diarios argentinos en línea con Facebook y Twitter. **Brazilian Journalism Research** (Online), 9(2). 2013. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/546>. Acesso em 26/06/2017.

# INOVAÇÃO, NO JORNALISMO

**Hiperinfografia: um novo estágio para a visualização  
sintética no jornalismo**

William Robson Cordeiro

**Jornalismo Imagético: produção do fotojornalismo na transição do  
impresso para a web**

Silvio da Costa Pereira

**Jornalismo das Coisas(JoT) como novo gênero jornalístico:  
tecnologias, dispositivos e linguagem da internet das coisas  
no contexto da cidade digital**

Marcelo Barcelos

**Jornalismo de Inovação: os Estudos de Tendência como ferramenta**

Ana Marta M. Flores

**Jornalismo vigilante sob vigilância: dilemas e questões que permeiam  
ações jornalísticas em um contexto de intrusão comunicacional massiva**

Ricardo José Torres

# Hiperinfografia: um novo estágio para a visualização sintética no jornalismo

**William Robson Cordeiro – Doutorado**

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Ritter Longhi

**Coorientador:** Prof. Dr. José Luís Valero Sancho

**Palavras-chave:** hiperinfografia, visualização sintética, jornalismo, infografia.

O jornalismo se coloca numa instância simbólica, porém, se manifesta concretamente através de seus gêneros e formatos. Para que qualquer discurso jornalístico se consolide é necessário que um modelo tecnográfico exista e aja como mecanismo de sua apresentação e compreensão.

Este cenário que envolve os formatos (sobretudo no contexto do jornalismo convergente, pós-industrial ou de nova era), inclui a infografia, um recurso que congrega diversas linguagens em si mesmo, se apresenta de variadas formas e em suportes diversos, por código social e efetivamente aceito (VIDAL, 2017).

Tratar de infográfico *online* significa estar diante de uma forma narrativa totalmente nova e cada vez mais presente no dia a dia do jornalismo. Sobretudo, por sua capacidade de traduzir temas em linguagem visual. Igualmente, significa fugir da ortodoxia do jornalismo tradicional de contar histórias com ênfase nos recursos de texto e foto, tradicionalmente observados no jornalismo impresso, embora também reproduzidos na internet.

Assim, surge a questão: onde se encontra a infografia jornalística no contexto do jornalismo pós-industrial, de nova era? E de que maneira se manifesta e vem sendo desenvolvida pelos periódicos? Os estudos que envolvem a temática de infografia ou visualização da notícia, formalmente, delimitaram em três os estágios para estruturar esta evolução.

Primeiro, os infográficos lineares, de sequência estática, comumente praticados no jornalismo impresso, e executados também em plataforma na internet; Segundo, o ambiente da internet propriamente dito, com recursos ainda primários de multimidialidade dos elementos e característica clicável; e o terceiro, a infografia em base de dados, que abarca temáticas que envolvem o jornalismo de dados.

Há uma nova fase em andamento, da qual estamos atentos, com amplas características expressivas, que ainda não agrupa ou melhor categoriza estruturas como as infografias jogáveis (*playable infographics*), 3D, realidade virtual (imersivas) e visualização. Um provável quarto estágio capaz de abarcar novos exemplos de caráter imersivo ou mesmo desembocar numa estrutura em comum, que congrega a visualização da notícia (apresentação) e a visua-

lidade da notícia (estética) – distinções observadas por Valero Sancho (2012). Por enquanto, estamos denominando esta fase em análise de *hiperinfografia*.

A *hiperinfografia* seria os modelos ou conjunto de modelos de infográficos de alta capacidade expressiva, disponíveis no ambiente hipermediático. O prefixo “Hiper” pode ser compreendido pela grandeza e, do mesmo modo, pelo ambiente. A pesquisa, em andamento sob orientação da pesquisadora Raquel Ritter Longhi (POSJOR/UFSC) e co-orientado pelo pesquisador José Luís Valero Sancho (UAB), busca mapear de que forma as novas narrativas interativas de visualização se apresentam nos periódicos de referência Estadão, Folha de S.Paulo, UOL, G1, Agência Pública e Nexo. Trata-se de uma investigação da linguagem visual jornalística no ambiente hipermediático, sob o aspecto narrativo e sintético.

Vidal (2017, p 55), em recente tese defendida na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), oferece pistas de um fenômeno novo na transmissão de dados, sobretudo em tecnologia multimídia e de síntese que incorpora diferentes linguagens na mensagem. “Assim, podemos falar de texto e imagem mas também de som, movimento, hiperlinks (navegação), interatividade, 4D (3D mais linha do tempo) e tudo isso aponta a que a linguagem será integradora de diferentes linguagens”. E que este cenário atual de maior integração e complexidade abre discussões para que se investigue sua evolução e transformação.

É um retorno ao exercício reflexivo acerca das novas fronteiras da infografia desenvolvido por Contreras (2000), ao riscá-la do ambiente analógico para o *online*, adentrando ao *cibermundo* das mudanças substanciais das imagens sintéticas e nos seus limites entre a ficção e a realidade. Desta vez, a fronteira imaginária estaria na própria hipermídia, ao considerar a sua natureza complexa. Definir esta fronteira se torna o maior desafio no atual estágio desta pesquisa.

Esta proposta conceitual-teórica sugere uma nova categoria evolutiva e tem o intuito de apontar experimentações que surgiram historicamente, para que se entenda a natureza dos estágios a partir de um mapeamento diacrônico, até o momento atual que afeta mais fortemente o formato. Como Longhi (2009, p. 188) aponta, a infografia enquadra-se como linguagem a partir da ideia de “fusão conceitual”, baseada na combinação de formas distintas de expressões em um mesmo ambiente. Além disso, contribuir com o campo jornalístico no tocante aos estudos deste modelo de linguagem sintética que se apresenta multivariado.

A metodologia implica em revisão bibliográfica para o levantamento histórico e recolha dos exemplos de infográficos ((MARCONI E LAKATO, 1996) nos periódicos citados, e estudos de casos múltiplos (YIN, 2001).

## Referências

CONTRERAS, F.R. (2000): **Nuevas fronteras de la infografía**. Análisis de la imagen por ordenador. Sevilla, Mergablum.

LONGHI, Raquel Ritter. Infografia on-line: narrativa intermídia. In: **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**. Universidade Federal de Santa Catarina. 2009. Florianópolis, Ano VI. N. 1. p. 187-196

MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 3a. edição. São Paulo. Atlas, 1996.

VIDAL, Francisco José Moreira. **Aproximación a la infografía como comunicación efectiva** [tesis doctoral]. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2017.

SANCHO, José Luis Valero. **Infografía Digital**. La visualización Sintética. Barcelona. 240 páginas. Bosch, 2012.

YIN, ROBERT K. **Estudo de Caso** – Planejamento e Métodos. (2ª ed.). Porto Alegre; Bookman. 2001.

# JORNALISMO IMAGÉTICO: Produção do fotojornalismo na transição do impresso para a web

**Silvio da Costa Pereira** – Doutorado

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Ritter Longhi

**Palavras-chave:** fotojornalismo, imagem técnica, estenopo, narrativas digitais, formatos jornalísticos contemporâneos.

Este projeto de pesquisa parte da constatação de que a fotografia tem sofrido e promovido grandes transformações em um jornalismo que também está em mutação. Alguns falam em morte, mas nós preferimos a ideia de sobrevivência (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Nosso pensamento passa pelas transformações que a compreensão de fotografia tem atravessado. De uma imagem entendida como espelho do real que transita para uma compreensão simbólica em uma vertente crítica, que nos anos 1980 é tomada como um índice do real (DUBOIS, 1998), mas que atualmente deixa de ser vista numa trilha prioritariamente semiótica e se abre em primeiro lugar para uma representação subjetiva, encarada como ficcional ou ligada a mundos possíveis (DUBOIS, 2016). Uma imagem técnica, cuja representação é superficial e não linear (FLUSSER, 2011). Mas principalmente uma imagem complexa (CATALÀ, 2005), que é opaca (não se dá a conhecer no primeiro contato, mas serve como ponto de partida), positiva (tem pontos de contato com a realidade sem ser mimética), reflexiva (atua como ferramenta para o pensamento, e não como ilustração para o texto) e interativa (é feita para que se aja sobre ela e sirva de conexão com outros discursos, e não apenas para ser vista). Uma imagem que é ao mesmo tempo documento e expressão (ROUILLÉ, 2009). Que mesmo tendo um grande potencial de verossimilhança com aquilo que nossos olhos enxergam do mundo físico, é produzida *no e pelo* corpo de um observador (CRARY, 2012) mergulhado em uma cultura e possuidor de uma história de vida, devendo ser compreendida a partir de um quadro complexo e em rede (LATOUR, 2013), que integre humanos, não humanos, linguagem e crenças. Que era estática no universo impresso e passa a ser dinâmica no universo das telas (LONGHI; PEREIRA, 2017).

No jornalismo, as imagens são usadas há séculos (JACKSON, 1885). Mas se as gravuras possuíam um regime de verdade que buscava o verossímil e não o realista, o ingresso das fotografias impressas no jornalismo, principalmente a partir da criação das revistas ilustradas, instala uma busca por objetividade, pela imagem documento e baseada em uma crença na narração visual que não havia antes (COSTA, 2012). Mudança que foi impulsionada pelas transformações culturais, econômicas e tecnológicas da época.

Mas o discurso jornalístico, mesmo sendo uma seleção que busca gerar sentido, continua a se basear na ideia de um espelho do real, que tem o poder de atestar as coisas, de ser prova dos acontecimentos. Um metadiscurso que constrói não só a imagem do próprio jornalismo quanto daquilo que a notícia pode entregar. Mas que se baseia em concepções ultrapassadas e realistas da fotografia, e que portanto não dá conta das imagens usadas atualmente, recorrendo continuamente a impedimentos – aquilo que não se pode fazer – que geralmente não são seguidos. Nesse sentido compreendemos que devemos pensar na fotografia jornalística tal qual ela é, e não da forma que gostaríamos que ela fosse, para daí retirar entendimentos éticos a respeito dos limites da narrativa visual. Nesse sentido, transparência dos processos e mídia-educação são valores interessantes a agregar ao ecossistema das narrativas visuais jornalísticas contemporâneas.

## Referências

CATALÁ, Josep. **La imagen compleja: la fenomenología de las imágenes em la era de la cultura visual**. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2005.

COSTA, Helouise. A invenção da revista ilustrada. In: COSTA, Helouise e BURGI, Sérgio (orgs). **As origens do fotojornalismo no Brasil** - um olhar sobre O Cruzeiro (1940/1960). São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador** – Visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 2ª ed., Campinas/SP: Papyrus, 1998.

DUBOIS, Philippe. De l'image-trace à l'image-fiction: le mouvement des théories de la photographie de 1980 à nos jours. In: **Études photographiques**, n. 34, 2016. Disponível em <<https://etudesphotographiques.revues.org/3593>>. Acesso em 20 julho 2016.

JACKSON, Mason. **The pictorial press: Its origin and progress**. London, 1885. Disponível em [www.gutenberg.org/ebooks/36417](http://www.gutenberg.org/ebooks/36417). Acesso em 21/12/2015.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

LONGHI, Raquel Ritter e PEREIRA, Silvio da Costa. Do impresso às telas: o que muda na fotografia jornalística? **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, GT Fotografia, Curitiba, 2017. Disponível em <<https://goo.gl/ZGi843>>. Acesso em 22 set. 2017.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

# Jornalismo das Coisas (JoT) como novo gênero jornalístico: tecnologias, dispositivos e linguagem da internet das coisas no contexto da cidade digital

**Marcelo Barcelos** – *Doutorado*

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Ritter Longhi*

**Palavras-chave:** jornalismo das coisas, internet das coisas, gênero, linguagens, formatos, dispositivos.

A tese apresenta um conceito e protótipo de novo gênero para as notícias: o Jornalismo das Coisas, ao investigar formatos, dispositivos e linguagens de narrativas veiculadas exclusivamente em suportes dedicados a objetos inteligentes, até então não mediados como carros conectados, casas inteligentes e dispositivos vestíveis. O objetivo é definir potencialidades para o jornalismo nestas multitelas, sob o cenário pós-industrial na *smart citie* (cidade inteligente), em busca de resposta para a pergunta: “Se o Jornalismo das Coisas pode ser um novo gênero jornalístico, qual é sua identidade?”. Na etapa final, a tese apresenta um aplicativo (APP) convergente do Jornalismo das Coisas, na forma de protótipo e problematiza implicações éticas, de monitoramento de dados e vigilância da audiência, sob a ótica da Teoria Ator-Rede, Antropologia Ciborgue e *Machine Learning* (aprendizado das máquinas).

Optamos por definir e defender que temos um novo gênero aqui sob o argumento de que o Jornalismo das Coisas reúne expressão técnica, de formato e linguagem exclusivos. Como lembra Marques de Melo (2003), gênero jornalístico representa uma classe de unidades da comunicação massiva e periódica que junta diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação “oportuna de informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos (aqui referido como mídia), potencialmente habilitados para atingir audiências anônimas, vastas e dispersas” (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 11).

Assim, o problema desta pesquisa está centrado em “quais são os modelos possíveis e modos de apropriações de produtos, dispositivos e telas, entendidos como coisas e/ou objetos inteligentes, derivados da Internet das Coisas” (LE MOS, 2014), que se adaptam e se configuram para a publicação, distribuição e consumo de material jornalístico que podem determinar a constituição de conceito e gênero para o Jornalismo das Coisas?

Neste sentido, a tese discute uma conceituação da Internet das Coisas apropriada pelo jornalismo a partir de uma revisão bibliográfica baseada em *affordances* (qualidades que fazem um objeto convidar o usuário a uma ação), ubiquidade e design de interface (PAULINO,

2015) derivados do jornalismo móvel (PELLANDA; 2016; SALAVERRÍA; 2016).

São objeto de estudo, estratégias, dispositivos, produtos e linguagens derivados da Internet das Coisas nos jornais de referência, centros de inovação e laboratórios:

1) Brasil: *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* e Universidade de São Paulo (USP) – Escola Politécnica de Comunicação e Artes - Poli (especialmente o grupo de pesquisa *Interdisciplinary Research for Internet of Things*);

2) Estados Unidos da América (EUA): *New York Times* e MIT Media Lab, com foco na pesquisa desenvolvida pelo David Rose e Kevin Ashton;

3) Espanha: *El País* e Mobile World Congress e Universidade Politécnica de Madrid – Projeto Madrid FI-WARE/EIT ICT Lab Challenge.

## Referências

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial**: adaptação aos novos tempos. Revista de Jornalismo ESPM, abril-junho de 2013, pp. 30-89.

ASHTON, K. (2012). **That ‘Internet of Things’ Thing**. in RFID Journal. Disponível em <http://www.rfidjournal.com/article/view/4986>. Acesso em 7 de outubro de 2017.

BERTOCCI, Daniela. **Dos Dados aos Formatos** – Um modelo teórico para o design do sistema narrativo no jornalismo digital. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil, 2013.

CANAVILHAS, João (org). **Notícias e mobilidade**. O jornalismo na era dos dispositivos móveis. Livros LabCom/UBI. Covilhã, Portugal, 2013.

GUBBI, Jayavardhana et al. **Internet of Things (IoT): A Vision, Architectural Elements, and Future Directions**. 2012. Disponível em: <http://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1207/1207.0203.pdf> Acesso em 22 de setembro de 2017.

LEMOS, André; PASTOR, Leonardo. **Internet das coisas, automatismo e fotografia**: uma análise pela Teoria Ator-Rede., in Revista Famecos, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 1016-1040, setembro-dezembro 2014. pp. 1016 – 1040.

PAULINO, R. C. R. **Revistas Digitais**: uma abordagem sócio tecnológica de um sistema hipermídia para tablets. In: XII Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo 2015. X Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo. Brasília: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2015.

# Jornalismo de Inovação: os Estudos de Tendências como ferramenta

**Ana Marta M. Flores** – Doutorado

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Ritter Longhi*

**Palavras-chave:** jornalismo de inovação, jornalismo, inovação, estudos de tendências.

A inovação no jornalismo não está restrita à tecnologia, uma de suas manifestações mais evidentes, mas também em seus processos, produtos e modelos de negócio. Em nossa tese, procuramos definir uma conceituação de jornalismo de inovação e como o jornalismo pode se apropriar de técnicas e ferramentas oriundas dos Estudos de Tendências para pensar caminhos inovativos. Para isso, iremos apresentar alguns conceitos dos Estudos de Tendências e sua macroperspectiva cultural para, posteriormente, ensaiar uma proposta de modelo aplicável no campo prático jornalístico. Trata-se de um primeiro modelo em desenvolvimento na tese de doutorado em jornalismo da autora.

Iniciamos nossa argumentação resgatando e delimitando o próprio conceito de inovação para, em seguida, espelhar seu sentido e práticas no jornalismo. Sabe-se que nem toda mudança é inovação, mas toda inovação exige mudança (HARGIE & TOURISH, 1996); nesse sentido, compreendemos, inicialmente, a inovação como um fenômeno constante pela busca do novo. Com isso, o jornalismo se assemelharia enquanto a forma de se renovar, ao ter, na novidade, seu combustível basilar. Sob a perspectiva do jornalismo, segundo Otto Groth (2011), sua essência está ordenada - resumidamente - em quatro pilares, quais sejam: 1) Periodicidade, 2) Universalidade, 3) Atualidade e 4) Difusão ou Publicidade. Nesse sentido, retomamos a ideia de “novo-atual” (GROTH, 2011) que une a característica de ordem qualitativa da informação - a qual o público ainda não tem conhecimento - à característica temporal da Atualidade.

Outro ponto importante a ser considerado é entender a ideia de inovação como múltipla em seus sentidos e em função disso não há uma abordagem única do termo (KOULOPOULOS, 2011). Disseminada inicialmente pelas áreas da Economia e Administração, a inovação é entendida não necessariamente como uma invenção, mas como uma nova combinação de ideias, competências e recursos já existentes. O objetivo principal da inovação é ter uma maior lucratividade nas organizações (SCHUMPETER, 1985). Compreendida como processo, a inovação é um instrumento específico do empreendedorismo, gerando recursos em uma nova capacidade de produzir lucro (DRUCKER, 2002).

Os Estudos de Tendências ou *Trends Studies* são uma área interdisciplinar que reúne técnicas, ferramentas e conceitos das Ciências Sociais, Humanas, Culturais e do mercado. As Ciências Sociais são a base metodológica, enquanto as Ciências Humanas trazem o panorama

cultural (RECH, 2017) e a tecnologia, a arte, o mercado, e aí incluído o jornalismo, são disseminadoras dessas mesmas tendências.



Fig. 1 – Esquema da proposta T4N (*Trends for News*). Fonte: própria

Após conhecermos alguns dos modelos já publicados na área de Estudos de Tendências, unimos referências e lapidamos uma proposta metodológica específica para o jornalismo: a *Trends4News* (fig. 1). O modelo traz adaptações focadas nas necessidades e particularidades do jornalismo. As fases principais são (1) Segmentação de Tendências, (2) Validação e (3) Relatório de Oportunidades. Cada uma delas divide-se entre três a cinco etapas que são detalhadamente descritas. O modelo T4N pode ser aplicado em qualquer instância do jornalismo que tenha por objetivo inovar.

## Referências

CALDAS, Dario. **Observatório de Sinais** - Teoria e prática da pesquisa de tendências. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006.

DRUCKER, P.F. **Innovation and Entrepreneurship** – Practice and Principles. New York: Harper & Row Publishers, 2002.

FLORES, A.M.M. **Jornalismo de Inovação**: um conceito múltiplo. *Brazilian Journalism Research* (Impresso), v. 13, P. 156-179, 2017.

FRANCISCATO, C. E. **Uma proposta de incorporação dos estudos sobre inovação nas pesquisas em jornalismo**. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 8-18, abr. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/J0DzUC>>. Acesso em maio de 2016.

GOMES, N.P., FRANCISCO, A.F. **Introdução aos Estudos de Tendências**: Conceitos e Modelos.

TRC – Trends Research Center/ BeyondUniverse: Estoril, 2013.

KOULOPOULOS, T. **Inovação com resultado**: o olhar além do óbvio. São Paulo: Editora Gente/Editora Senac São Paulo, 2011.

MACHADO, E. **Creatividad e innovación en el periodismo digital**. In: Actas II Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0. Bilbao: Universidad del País Vasco. pp. 64-72, 2010.

RAYMOND, M. **Tendencias**: que són, como indentificarlas, en qué fijarnos, como leerlas. Londres: Promopress, 2010.

SCHUMPETER, J.A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

# Jornalismo vigilante sob vigilância: dilemas e questões que permeiam ações jornalísticas em um contexto de intrusão comunicacional massiva

**Ricardo José Torres – Doutorado**

*Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofoletti*

**Palavras-chave:** jornalismo; vigilância; contravigilância; ataques digitais; riscos digitais.

A partir dos avanços e variadas formas de apropriação e uso das tecnologias comunicacionais, vivenciamos o redimensionamento das intersecções entre o jornalismo e a vigilância. A essência do jornalismo investigativo está associada com a perspectiva de monitorar o poder e revelar atos ilícitos para tornar os cidadãos informados e fomentar o debate público por meio de atos de vigilância (WAISBORD, 2000). Consideramos que esse quadro foi sensivelmente afetado pelo alto grau de utilização e dependência das possibilidades tecnológicas relacionadas à internet por parte dos jornalistas, de forma paralela pelo avanço progressivo das possibilidades de armazenamento e controle de dados disponibilizados por ferramentas e aparatos de vigilância digital.

Nesse cenário, propomos a seguinte questão de partida: diante de um contexto de monitoramento comunicacional massivo e das intersecções entre jornalismo e vigilância quais são as principais vulnerabilidades e potencialidades da capacidade vigilante do jornalismo perante a possível intrusão do Estado e de empresas transnacionais? Esses mecanismos não são novidade. Entretanto, a capacidade de intrusão e instrumentalização de dados privados alcançou níveis massivos e sem precedentes.

O debate sobre as implicações da vigilância na sociedade e sobre questões conectadas com a intrusão da privacidade de cidadãos comuns e jornalistas vem sendo abordado por diferentes autores em diversas perspectivas como: Marx (2003), Fuchs (2011), Bauman e Lyon (2013), Bell e Owen (2017), Bruno (2013), entre outros.

A partir desse panorama a pesquisa tem como objetivos: a) verificar implicações da intrusão comunicacional na atividade jornalística contemporânea e a emergência de novos tensionamentos (em que medida eles afetam a perspectiva de privacidade, segurança, direitos humanos e possibilitam proposições relacionadas ao cenário verificado); b) examinar ações de vigilância e contravigilância que envolvem jornalistas apontando potencialidades e vulnerabilidades do ecossistema digital.

Para tanto, exploramos questões ligadas com as diferentes formas de vigilância comu-

nicacional, medidas de segurança da informação, proteção de fontes, abordagens de conteúdos vazados, limitações e possibilidades das investigações jornalísticas neste contexto. Partimos das seguintes hipóteses: os atos jornalísticos envolvidos pelas possibilidades tecnológicas podem ser limitados por ferramentas de vigilância; as ferramentas de comunicação digital estão facilitando a projeção de ações ligadas ao ativismo e de hacktivistas<sup>1</sup>, ao mesmo tempo que fazem emergir a urgência da proteção das comunicações e fontes dos jornalistas; o desequilíbrio entre a capacidade de vigilância do Estado e de grandes corporações transnacionais em relação ao jornalismo gera consequências nocivas à democracia.

A partir de pesquisa exploratória e revisão bibliográfica vamos identificar interseções entre jornalismo, vigilância e contravigilância para descrever as maneiras distintas de apropriação de novas possibilidades relacionadas ao ambiente digital e à naturalização de aparatos de monitoramento. Os resultados pretendem apresentar práticas jornalísticas relevantes em matéria de vigilância das comunicações e seus aspectos negligenciados; a identificação de ferramentas e condutas para minimização da intrusão; as vulnerabilidades presentes nas investigações jornalísticas contemporâneas; e as tensões entre segurança e liberdade.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BELL, Emily et al. (org.). **Journalism After Snowden: The Future of Free Press in the Surveillance State**. New York: Columbia University Press, 2017. Disponível em: <http://migre.me/wf7aT>. Acesso em: 09 out. 2017.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, Modos de ser**: Vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

FUCHS, Christian. Como podemos definir vigilância? **Matrizes**. Ano 5, nº 1. São Paulo. p. 109-136. jul./dez, 2011. Disponível em: <http://migre.me/tcDBn>. Acesso em: 09 out. 2017.

MARX, Gary T. A Tack in the Shoe: Neutralizing and Resisting the New Surveillance. **Journal of Social Issues**. v. 59. mai. 2003. Disponível em: <http://migre.me/tdEJP>. Acesso em: 09 out. 2017.

WAISBORD, Silvio. **Watchdog journalism in South America: News, Accountability, and Democracy**. New York: Columbia University Press, 2000.

---

<sup>1</sup> Está conectado com a capacidade de manipular códigos fonte e dados que promovem uma forma de expressão política relacionada à liberdade de expressão, direitos humanos e informação ética.







**UFSC**

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR)

Campus Universitário, Trindade

88040-980 - Florianópolis/SC

(48) 3721.6610 - [www.posjor.ufsc.br](http://www.posjor.ufsc.br)

**ISSN 2526-1231**